

FARMÁCIA PORTUGUESA

231

SOMOS UMA GRANDE EQUIPA

A vantagem competitiva das farmácias que integram pessoas com deficiência

SOMOS TODOS PORTUGUESES

Presidente Marcelo exige igualdade e coesão territorial na Saúde

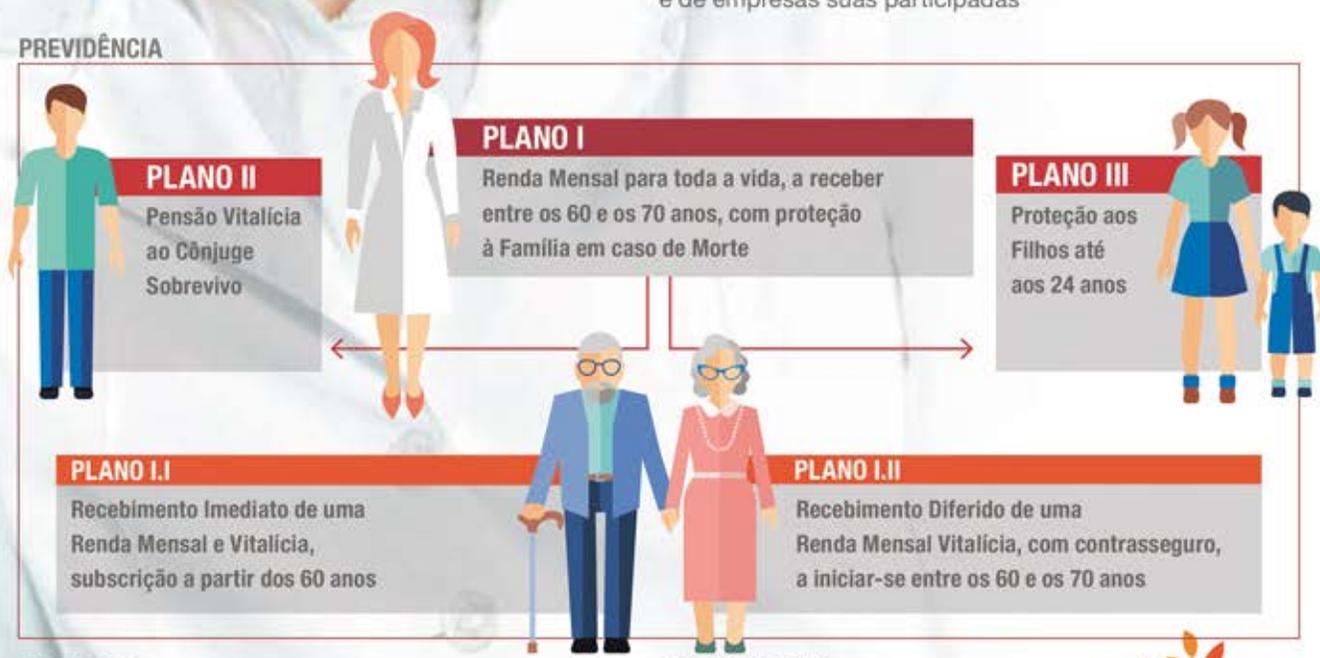


**SOMOS
NÓS**

ADIRA A UM FUTURO CERTO

- Farmacêuticos
- Proprietários de Farmácia
- Colaboradores de Farmácia
- Ascendentes, Descendentes e Cônjuges dos Associados *e agora*
- Colaboradores de Instituições do Sector Farmacêutico e de empresas suas participadas

PREVIDÊNCIA



POUPANÇA

PLANO V

Mealheiro com seguro de vida, prazos entre os 5 e os 25 anos. A contribuição mensal é calculada em função do "objectivo" a atingir



INVESTIMENTO

PLANO VI

Aplicações a partir dos 100 euros por prazos de 3, 5, 10 e 15 anos



Temos sempre uma solução para si! Contacte-nos.

VANTAGENS ASSOCIADOS MONAF: Rendas vitalícias, benefício fiscal, prazos de subscrição ajustáveis ao perfil do Associado a partir de contribuições mínimas.

VANTAGENS FARMÁCIAS, INSTITUIÇÕES DO SECTOR E DE EMPRESAS SUAS PARTICIPADAS: equiparação fiscal no tratamento dos custos com o Plano I aos custos suportados com as contribuições para os fundos de pensões, beneficiando também os colaboradores.

MONTEPIO NACIONAL DA FARMÁCIA, A.S.M.

Rua Marechal Saldanha, 1 | 1249-069 Lisboa | Telf.: 213 400 690 - 213 400 693

monaf@monaf.pt





DUARTE
SANTOS

A LIÇÃO DAS BEATRIZES

No primeiro dia da Primavera, 24 grandes empresas portuguesas subscreveram o compromisso público de reforçarem a empregabilidade de pessoas com deficiência.

A notícia passou relativamente despercebida, o que até podemos avaliar positivamente. A responsabilidade social, a justiça e a solidariedade humana devem ser praticadas mil vezes por cada uma em que se fala disso.

A verdade é que a sociedade portuguesa está ainda a despertar para o verdadeiro desafio da inclusão.

Estou convencido de que não é por desumanidade que muitas pessoas e empresas vivem alheadas deste tema. No dia-a-dia, todos temos de enfrentar dificuldades e problemas em número pelo menos suficiente. Não é fácil despertarmos para dificuldades e problemas potenciais.

Por isso, é preciso falar persistentemente de inclusão no espaço público.

A verdade é que ninguém está livre de vir a ter um filho com traços distintos, nem de sofrer na própria pele uma súbita perda de faculdades físicas ou mentais, em resultado, por exemplo, de acidentes de viação ou cardiovasculares.

Eu fui abençoado por ter conhecido o Filipe Fernandes, que hoje está na capa desta revista, quando estagiei na Farmácia Luciano & Matos. Por sorte, pude aprender em Coimbra que as pessoas a quem chamamos com deficiência são como nós. Sinto-me privilegiado porque ele me mostrou, no dia-a-dia, ao meu lado, como um ser humano pode ser brilhante.

Excluir estas pessoas é um crime, ainda mais contra

nós próprios do que contra elas.

A Beatriz Silva, a Beatriz Salgado, o Filipe Fernandes e o Nuno Rocha são colaboradores exemplares e uma vantagem competitiva para as farmácias onde trabalham.

É uma feliz coincidência termos recebido, em reportagem, a notícia de uma terceira rapariga chamada Beatriz. A filha do meu colega Hugo Ângelo celebrou um ano de vida no dia da inauguração das novas instalações da Farmácia da Lajeosa, que há dois anos ardeu no trágico e infame incêndio da região Centro.

Marcelo Rebelo de Sousa foi o primeiro a perceber o significado deste aniversário.

O Presidente da República aproveitou os parabéns para valorizar o facto de nascer gente no Interior de Portugal, longe das grandes cidades onde são urdidas as leis e os planos nacionais. E declarou ser dever do Estado criar condições para que essas crianças possam crescer e viver lá.

Na Lajeosa do Dão, entre as serras da Estrela e do Caramulo, o chefe de Estado declarou ser para ele “impensável” o encerramento dos serviços de saúde de proximidade.

O sistema de saúde é um factor crítico para a coesão territorial. Infelizmente, vários governos encerraram extensões de saúde a torto e a direito, perseguiram os pequenos consultórios e clínicas, atacaram a sustentabilidade da rede de farmácias, promoveram a desigualdade entre cidadãos no acesso à saúde.

A sociedade portuguesa ainda parece adormecida, mas já está a despertar para reagir à agressão.

www.revistasauda.pt

Director _____
Duarte Santos

Director-adjunto – Editorial _____
Carlos Enes

Director-adjunto – Marketing _____
Pedro Ferreira

Subdirectora Editorial _____
Maria Jorge Costa

Editor de Fotografia _____
Pedro Loureiro

Fotografia de Capa _____
Pedro Loureiro

Responsável de Marketing _____
Cátia Alexandre

Redacção _____
Carina Machado
Irina Fernandes
Maria João Veloso
Nuno Esteves
Pedro Veiga
Rita Leça
Sandra Costa
Sónia Balasteiro
Vera Pimenta

Redacção Online _____
Diana Veiga
Patrícia Fernandes

Jornalista Convidado _____
Paulo Martins

Arquivo Elephante _____
João Mendes
Manuel Raposo
Ricardo Martins

Secretária de Redacção _____
Paula Cristina Santos
comunicacao@anf.pt

Publicidade _____
Ana Lúcia Conceição
Nuno Gomes
Cláudia Morgado
Philippe Simão
comercial@sauda.pt | 213 400 706

Direcção de Arte e Paginação _____
Ideias com Peso

Projecto Editorial _____
Departamento de Comunicação
da Associação Nacional das Farmácias

Projecto Gráfico _____
Ideias com Peso

Periodicidade: Bimestral
Tiragem: 5.000 exemplares

Impressão e acabamento _____
Lidergraf Sustainable Printing

Distribuição _____
Alloga – Cabra Figa, Rio de Mouro
Distribuição gratuita aos sócios da ANF
Depósito Legal n.º 3278/83
Isento de registo na ERC ao abrigo do artigo 9.º
da Lei de Imprensa n.º 2/99, de 13 de Janeiro

Assinaturas _____
1 ano (6 edições): 60 euros
Estudantes de Farmácia: 20 euros

FARMÁCIA PORTUGUESA
é uma publicação da
Associação Nacional das Farmácias
Rua Marechal Saldanha, 1
1249-069 Lisboa

anf

Associação Nacional das Farmácias

Esta revista é escrita de acordo com a antiga ortografia. Todos os direitos reservados.



6:



32:



36:



44:



72:

AGENDA PARA A SAÚDE

6 EQUIPAS DE SONHO



**SALVAR AS FARMÁCIAS,
CUMPRIR O SNS**

24 EM CAUSA PRÓPRIA

SAÚDE EM DIÁLOGO

30 DESAFIO PERMANENTE

AGENDA PARA A SAÚDE

32 «FARMÁCIAS SÃO FUNDAMENTAIS»

Marcelo Rebelo de Sousa

36 SOS, SNS

SAÚDE PÚBLICA

40 TRATAMENTOS INTERROMPIDOS

43 NOVO E TRISTE RECORDE

ENTREVISTA

44 «MESMO COM ESTA IDADE,
PRECISO DE APRENDER»

Rui Nabeiro

NOTÍCIAS DA REDE

56 EUROPA, QUERIDA EUROPA

COPIADOR

60 LIVRO DE REGISTOS
DA FARMÁCIA PORTUGUESA

MUSEU DA FARMÁCIA

62 A LIBERDADE PASSA POR AQUI

ARQUIVO ELEPHANTE

66 ABRACALDABRA

FARMACÊUTICO CONVIDA

72 O ÚLTIMO CASTELO VIVO

Nuno Lima, em Santa Maria da Feira

ENTRE NÓS

82 MARCELO OU AL-SAHAAF

Paulo Cleto Duarte

EQUIPAS DE SONHO

A vantagem das farmácias com colaboradores especiais.



FARMÁCIA
ROCHA
BARROS
EIRIZ, BAIÃO

O SORRISO NOS OLHOS DE BEATRIZ



Beatriz Moreira da Silva sorri com os olhos a quem entra pela porta da farmácia

REPORTAGEM: SÓNIA BALASTEIRO
FOTOGRAFIA: PAULO DUARTE

Esta tarde, o senhor Joaquim Dias veio à farmácia buscar medicamentos. Sentia-se mal, com tonturas, o que alarmou a farmacêutica Maria Miguel Correia, que decidiu medir-lhe a tensão arterial. Uma colaboradora, alegre e bastante jovem, acompanha-os pelo espaço amplo e moderno da farmácia. Ajuda o utente a arregaçar as mangas e encaminha-o para o aparelho. «É uma óptima assistente», elogia o senhor Joaquim, 68 anos cumpridos com bom humor.

Fala de Beatriz Moreira da Silva, autista. Aos 16 anos, é a mais jovem funcionária da Farmácia Rocha Barros, em Eiriz. Todas as quintas-feiras troca os livros da escola por medicamentos, outros produtos de saúde e a simpatia dos utentes que ajuda a atender.

Eiriz é uma aldeia pequena da antiga freguesia de Ancede, ainda bastante rural. Todos se conhecem.

ELA TEM UM MODO MEIGO E MUITO FELIZ DE FALAR

A maioria dos habitantes é idosa mas esta terra de serra interior do distrito do Porto acolhe também muitos jovens casais, entre os 20 e os 35 anos. A relação entre utentes e profissionais da farmácia é bastante próxima, familiar. Não admira, portanto, que todos conheçam a rapariga das quintas-feiras, com o seu sorriso permanente emoldurado por longos cabelos castanhos escuros e confirmado pelo olhar honesto.

Na farmácia, desempenha múltiplas tarefas: ajuda a confirmar encomendas, coloca os medicamentos no saco dos utentes, arruma o que faz falta. Mais importante: recebe toda a gente ao balcão com alegria e um modo de falar carinhoso.

O objectivo das quintas-feiras na farmácia é tornar Beatriz mais autónoma e ampliar os seus horizontes para lá da esfera familiar.

TODOS CONHECEM A RAPARIGA DAS QUINTAS-FEIRAS

Chegou neste ano lectivo, mas a farmácia já aderiu há cinco anos ao Plano de Integração no Trabalho (PIT) da Escola EB 2, 3 de Ancede, criado para integrar no mundo do trabalho alunos entre o 5.º e o 9.º ano com necessidades especiais. O PIT permite que estes jovens experimentem trabalhar em locais como a farmácia, a padaria ou um restaurante.

Na Farmácia Rocha Barros, Catarina, com microcefalia, distúrbio neurológico no qual o cérebro não se desenvolve completamente, foi a pioneira do projecto. Durante três anos, ajudou a equipa, de sete colaboradores, a atender os utentes, a arrumar e a confirmar encomendas. Todos gostaram tanto da experiência que, no último ano, Catarina já vinha duas vezes por semana. No final, «foi difícil vê-la partir», recorda a farmacêutica Maria Miguel.



A estagiária especial ajuda a confirmar encomendas e coloca os medicamentos no saco dos utentes



«A Beatriz é uma ótima assistente», avaliou Joaquim Dias, 68 anos, depois da farmacêutica Maria Miguel Correia lhe medir a tensão arterial

Catarina também sente saudades. A tal ponto que, «quando for grande, quero trabalhar nesta farmácia», conta ela, despachada e conversadora.

Já Beatriz gosta das pessoas da farmácia, mas prefere fazer bolos. «Pastelera» é a resposta na ponta língua, quando lhe perguntamos o que quer fazer na vida. Não tarda muito a abraçar as visitas em reportagem, feliz. Gosta do contacto, de estar perto de quem a rodeia.

Passou a manhã a conferir uma encomenda de chupetas. Adora bebés e tudo o que lhes está associado.

As farmacêuticas perceberam esta paixão mal ela chegou: ficou encantada com a exposição de puericultura pesada, na cave da farmácia. «Passava a vida a ir para lá, a pedir para ver tudo», recorda Maria Emília Correia, a bem-disposta directora-técnica da farmácia.

Quando entra uma bebé de colo, percebe-se esta tremenda paixão. Não parecia possível, mas o sorriso de Beatriz ilumina-se ainda mais. Vai de imediato ter com ela. A criança devolve-lhe o sorriso e abre os braços.

Está perfeitamente integrada no dia-a-dia da farmácia.



«Todos os utentes a conhecem e gostam dela», diz Maria Miguel. No início, houve os cuidados necessários para que tudo corresse bem. Devido ao autismo, precisa de cumprir rotinas, o que lhe dá estabilidade. «É muito difícil para ela quando alguma coisa muda no seu quotidiano», descreve a farmacêutica.

Para entender a melhor forma de a integrar, o cruzamento de informação entre a equipa e a professora de ensino especial foi – e continua a ser – fundamental. Iracema Moura visita frequentemente a farmácia,

dá sugestões e corrige pequenos detalhes com grande importância. Por exemplo, no início, as colaboradoras ajudavam a nova colega a vestir a bata. Aquela especialista recomendou que deixassem de o fazer, para lhe permitir tornar-se mais independente. «Realmente não temos de os mimar demasiado», comenta Maria Miguel.

Estar na farmácia ajudou Catarina a ser mais independente e, sobretudo, a interagir com pessoas fora do seu contexto familiar. Essa convivência durante três anos deu-lhe mais autoconfiança. Beatriz beneficia agora do mesmo. «Permite-lhes ter mais responsabilidade e melhorar os relacionamentos com os outros. Esta é uma medida para a educação inclusiva», assevera a professora de ensino especial.

A farmácia também ganha. «E muito», alegra-se Maria Miguel. «Engrandece-nos, traz desafios. Temos de adaptar-nos», acrescenta Cátia Valente, farmacêutica que integrou a equipa há dois anos e meio. «Ela requer muita atenção, mas vale bastante a pena. Quando entramos, já está a chamar por nós com um sorriso», alegra-se.

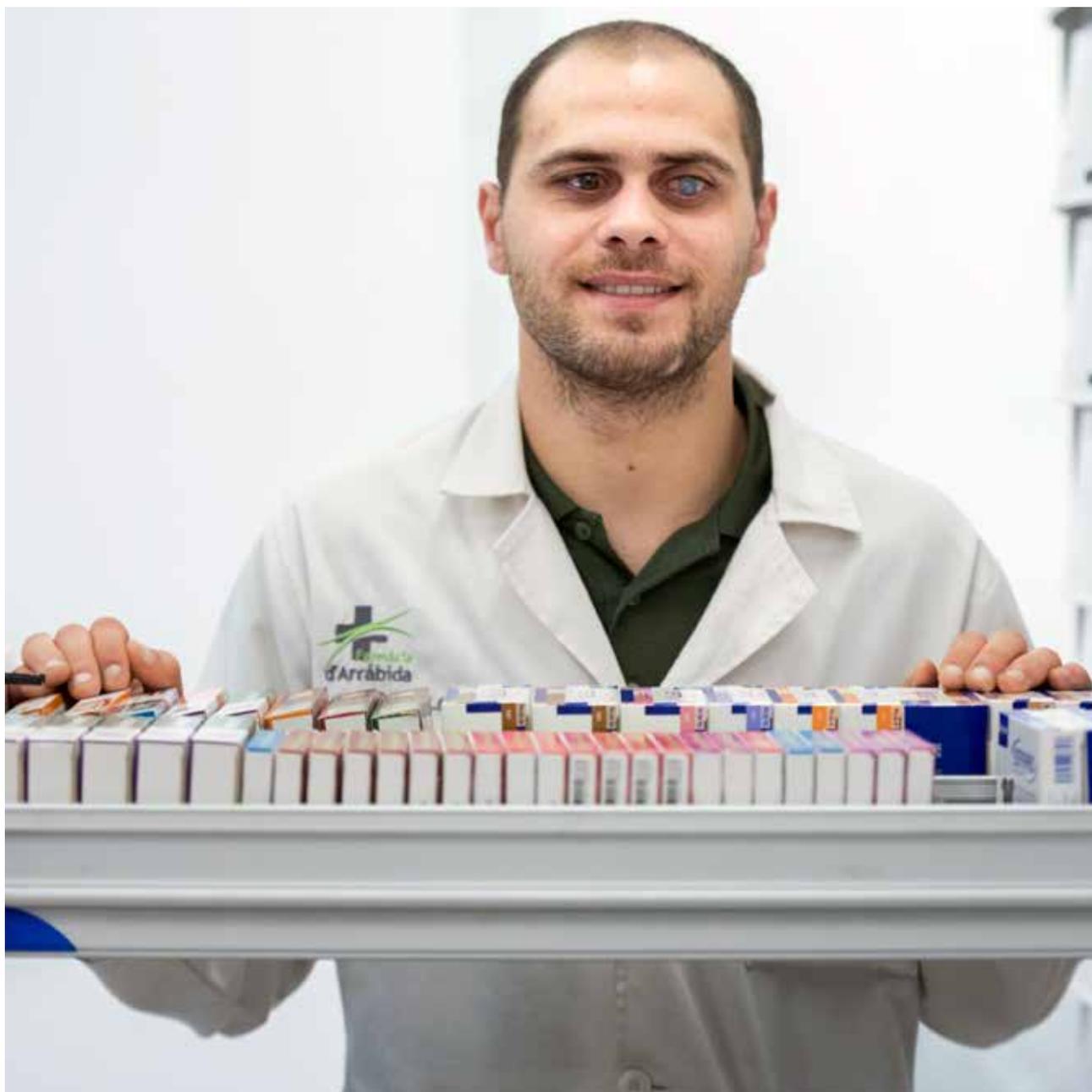
Os utentes também gostam de ver esta colaboradora especial atrás do balcão, sempre com a mesma alegria. «Ficam agradecidos por nós participarmos neste projecto da escola», sorri a farmacêutica. «Todos devemos contribuir para melhorar. Ver uma criança diferente a evoluir e não termos complexos de nada», diz Ana Lurdes Pereira, de 45 anos. «Antigamente, estas pessoas ficavam pior porque não iam para lado nenhum. Até a nós, se não formos, nos acontece o mesmo. Parar é morrer!», sentencia esta cliente fiel da farmácia.

Atrás do balcão, Beatriz continua a sorrir com os olhos a quem entra pela porta da farmácia. Gosta de lá estar. Tem a felicidade estampada no rosto. E um modo meigo de falar. Pode pedir-se mais quando se entra numa farmácia?

A FARMÁCIA OFERECE-LHE AUTONOMIA E NOVOS HORIZONTES

NUNO, JUDOCA DO TELEFONE

**FARMÁCIA
D'ARRÁBIDA**
VILA NOVA DE GAIA



REPORTAGEM: MARIA JOÃO VELOSO
FOTOGRAFIA: RICARDO CASTELO

É através do ar que respira que Nuno André Rocha se dá conta de que chegou a uma nova cidade. «Quando viajo oiço o barulho que me rodeia. O facto de olhar para o céu e ele estar mais escuro, ou mais limpo, dá-me as coordenadas para me ambientar ao novo lugar. O cheiro ajuda-me a distinguir o que vou a pisar».

O facto de ter nascido com um glaucoma agravado no olho esquerdo e só ter 30 por cento de visão no olho direito faz este jovem tirar todo o partido dos outros quatro sentidos. Telefonista na Farmácia d'Arrábida – das nove às 18 horas – no shopping com o mesmo nome, Nuno é também judoca paraolímpico, treinando com afinco cinco dias por semana, das 20h às 22h. Esta modalidade já o levou à Alemanha, ao Cazaquistão e à Turquia, sempre a representar Portugal.

Na farmácia, despe a personagem de cinturão azul e está sempre disposto a dar uma mãozinha aos colegas. A directora-técnica, Adelaide Silva, às vezes tem de moderar essa tendência, porque já ninguém se lembra que ele tem uma incapacidade. «Os colegas esquecem-se disso e pedem-lhe para ir ajudar o cliente a levar os sacos ao carro. Ora, ele precisa das mãos livres, de ter todas as capacidades que lhe sobram activas». Só que o Nuno quer sentir-se útil e está sempre pronto para ajudar. Não é defeito, é feito.

G RAÇAS À FORÇA DE VONTADE, FAZ TAREFAS QUE PARECIAM IMPENSÁVEIS

Victor Valdez, o proprietário, conta que, antes de o contratar, os utentes se queixavam de que o atendimento telefónico era muito demorado. Muitos até insinuavam que o telefone estaria avariado. Para resolver o problema, um amigo sugeriu que telefonasse para a ACAPO – Associação dos Cegos e Amblíopes de Portugal. Ele era industrial, já tinha recrutado seis invisuais para a sua fábrica e todos se revelaram competentes.

Naqueles dias, Nuno estava a acabar na ACAPO uma formação de assistente administrativo. Aprendeu competências de atendimento telefónico e presencial. Ensinaam-lhe formas de comunicação para lidar com as pessoas. «No fundo, estavam a preparar-nos para

Apesar das limitações severas de visão, consegue etiquetar produtos, fazendo zoom no ecrã do computador



o mundo do trabalho», recorda. Por melhor preparação, confessa que foi ali mesmo, com a farmácia cheia, que aprendeu realmente o que é trabalhar a sério.

Nos primeiros dias, quando o telefone tocava era um sobressalto. «Ficava muito nervoso, começava a tremer». Os colegas ajudaram-no muito a adaptar-se, com indicações preciosas. «Demos-lhe dicas das personalidades de alguns utentes. Por exemplo, temos o caso de uma senhora que gosta de estar uma hora ao telefone. Até já anotámos o número dela, para ver quem tem disponibilidade quando é ela a ligar», conta Adelaide Silva.

Nuno Rocha tem bom ouvido para quem precisa de afecto e companhia. «O que gosto mais de fazer é de atender o telefone», garante. Por causa das constantes falhas de mercado, muitos utentes ligam a perguntar se determinados medicamentos estão ou não disponíveis. Fazem reservas. Ele resolve todo esse expediente. Só quando querem esclarecer dúvidas técnicas é que passa as chamadas a um farmacêutico.

Graças à força de vontade faz tarefas que pareceriam impensáveis para alguém com a sua condição, como marcar e etiquetar produtos. «Aumento a imagem do programa onde os meus colegas trabalham e assim já consigo ver» explica. Enquanto o multifacetado telefonista

FICAR EM CASA
À ESPERA
DE RENDIMENTOS
E SUBSÍDIOS NÃO ERA
COM ELE. SÓ É CEGO
QUEM NÃO QUER VER

Nuno Rocha tem bom ouvido para os utentes que só precisam de afecto e companhia



Foi contratado para o atendimento telefónico, mas agora é indispensável no armazém da farmácia



consegue etiquetar referências, lê-las através do leitor óptico e dá-las para arrumação, está, como ele diz, «a aliviar a carga» dos colegas, que ficam com mais disponibilidade para o atendimento ao balcão.

«Confesso que, inicialmente, pensei: O que vem um invisual fazer para aqui? Como vamos encaixá-lo?», relata a directora-técnica, feliz porque este colaborador, especial a todos os níveis, «ultrapassou todas as expectativas». O proprietário, por sua vez, irritava-se com o telefone a tocar sem resposta. «Ele encaixou perfeitamente, mas quis ir além da sua função e por iniciativa própria começou a arrumar e até a fazer recados», explica Victor Valdrez. Até ao fim do ano, Nuno ficará também responsável pelo robô da farmácia.

Nuno é um exemplo para todos. «Não é lamechas, não gosta de ser coitadinho», adverte Adelaide. Antes

pelo contrário, ele brinca com a própria deficiência. Como tem um sentido de humor fabuloso, dá espaço aos colegas para fazerem piadas. Quando algum deles não encontra qualquer coisa que está mesmo ali à frente do nariz, há outro que graceja: «até o Nuno viu isso». Ele defende-os de imediato: «É verdade que eles brincam, mas no momento seguinte estão a ajudar-me. Não fazem por maldade». Ele também brinca e acaba muitas vezes as frases com esta deixa: «Depois eu é que sou cego».

A farmacêutica Sofia Pereira agradece a Nuno Rocha tê-la despertado para as dificuldades que estas pessoas têm no dia-a-dia. Puxa muito por ele e ele acha-a a pessoa mais energética da farmácia. Quando se cruzam grita-lhe «festa, festa». Chama-lhe “guna” (rufia), por causa das músicas que ouve e da forma como põe o boné de lado. «Mas ele é um bom menino, porta-se bem», contesta Adelaide, com candura.

Com porte atlético e a juventude estampada num rosto com 25 anos de vida, Nuno está como quer, a contribuir activamente para a sociedade. «Nunca gostei de estudar. Terminei o 12.º ano porque era o que me competia. Quis terminar a escolaridade, arranjar emprego, fazer o IRS e pagar as minhas contas». Ficar em casa à espera de rendimentos e subsídios não era com ele. Só é cego quem não quer ver.

VAI SER ELE A "INTEGRAR" O ROBÔ NA FARMÁCIA

FILIPE COMANDA OS BASTIDORES

FARMÁCIA
LUCIANO
& MATOS
COIMBRA



REPORTAGEM: MARIA JOÃO VELOSO
FOTOGRAFIA: PEDRO LOUREIRO

Quinta-feira, 2 de Junho de 1988, Filipe André Fernandes vinha ao mundo em São Martinho de Árvore, concelho de Coimbra. «Era dia de Corpo de Deus», anuncia o jovem, para quem o calendário religioso é muito importante.

Apesar de ter nascido com trissomia 21, a deficiência não é obstáculo na vida de Filipe. A trabalhar desde os 17 anos na Farmácia Luciano & Matos, o jovem é um elemento fundamental da equipa. Quem o garante é Helena Amado, directora-técnica desta casa em plena baixa coimbrense, vizinha da Igreja de Santa Cruz. Por ali todos o conhecem. A Nelson Silva, proprietário do Café vizinho “A Petisca”, sobram-lhe elogios: «É uma pessoa espectacular. A gente vê pessoas com mais saúde e não têm as capacidades que ele tem».

De facto, a organização é o cartão-de-visita do jovem colaborador. Farmacêutica há 38 anos, Helena Amado é a responsável por esta história de sucesso. Foi a sua consciência de que trabalhos rotineiros podem desmotivar certo tipo de funcionários que a fez procurar alguém diferente. «O trabalho de arrumar medicamentos várias vezes por dia e de reposição de todo o material na retaguarda é essencial para que depois, no balcão, o trabalho flua sem complicações».

Helena sabe que pessoas com limitações, sendo

A SUA IMAGEM DE MARCA É A ORGANIZAÇÃO PERFEITA

treinadas, desempenham na perfeição este tipo de funções. O primeiro passo foi indagar a receptividade da equipa à causa. «Quis saber se viam como uma mais-valia recebermos alguém que gostasse de rotinas e o fizesse com gosto, no dia-a-dia». Desafio aceite.

«Até o Filipe ser um dos nossos foi um salto», recorda a farmacêutica, cujo entusiasmo é contagiante. Numa conversa informal com Ana Neto, uma amiga que trabalhava em ensino especial, na Escola C+S de São Silvestre, de Coimbra, soube da existência dele. Com 17 anos, depois de ter concluído o 9.º ano, tinha de sair da escola.





Helena Amado sabia que pessoas especiais fazem melhor tarefas rotineiras

«Era um rapaz com muitas capacidades e sobretudo vontade de trabalhar». A farmácia, em conjunto com a escola, começou a prepará-lo para ter contacto com os diversos tipos de embalagens de medicamentos: os comprimidos, as pomadas e os injectáveis. «Estamos a falar de dois meses de treino, no total», lembra a directora-técnica.

A ida de Filipe para aquele que é hoje o seu local de trabalho implicou vencer outra etapa: habituar-se ao trajecto entre São Martinho de Árvore e Coimbra. Mais uma vez, uniram-se esforços para o familiarizar com o autocarro e os respectivos horários. Nos primeiros dias, acompanhavam-no professoras e auxiliares da escola. «Quando passou a identificar o transporte, começou a vir sozinho. Elas vinham atrás, de carro, para se certificarem de que ele saía na paragem certa». Em Agosto de 2005, Filipe entrou na Farmácia Luciano & Matos com o pé direito. «O processo foi rápido, porque ele aprende depressa», conta a farmacêutica, meio mentora e outro tanto maternal.

É APRENDE RÁPIDO.
EM DOIS MESES
DOMINAVA AS ROTINAS
DA FARMÁCIA

É O COLABORADOR
COM TRISSOMIA 21
QUE SE ENCARREGA
DA ARRUMAÇÃO
DOS SEIS BALCÕES

Tal como um puzzle só faz sentido se as peças encaixarem, todos os colaboradores do *backoffice* foram “formados” para lidar com um colega com características especiais. «Aqui dentro tem sido uma aprendizagem para todos», relata Helena Amado. Filipe gosta de tudo no lugar certo – e isso arrastou a equipa. «Ficámos mais organizados», reconhece a directora-técnica.

É o colaborador com trissomia 21 que se encarrega da arrumação dos seis balcões, de acordo com a filosofia japonesa Kaizen, que promove a melhoria da organização no local de trabalho. «Cada coisa no seu lugar e um lugar para cada coisa», explica a farmacêutica.

Cumprir com afinco todas as tarefas. Só é necessário pedir-lhe o que quer que seja uma única vez. Tornou-se um elemento vital, que toda a equipa considera indispensável. A prova disso acontece sempre que vai de férias. Lá para os finais de Agosto, ruma ao Algarve com os pais, para a «água quente» da Quarteira. «Sentimos muito a sua falta e até ficamos contentes com os raspanetes que nos dá quando regressa», brinca a directora-técnica.

Para facilitar a vida a quem está ao balcão, há três anos foi instalado um robô na farmácia. Filipe ficou deprimido com a chegada daquela máquina que aparentemente iria substituí-lo. «Na imaginação dele, pensava que era um boneco que vinha fazer o seu trabalho». Helena tranquilizou-o, dizendo-lhe: «Tu serás o responsável pelo robô». É ele que parametriza manualmente o robô, quando este não reconhece a embalagem, de forma a poder armazená-la. Para além disso, supervisiona os prazos de validade. Decide quais as embalagens a entregar aos cuidados do robô e quais devem antes ser

colocadas nas caixas cor-de-rosa velho com a inscrição “reposição de stock – validade curta”.

Filipe é um jovem como os outros. Quando despe a bata, passeia de ténis de marca, pólo às riscas e calças de ganga. Gosta de passar o tempo no café da terra com os amigos que cresceram com ele. Nesta Páscoa, representou três papéis na mesma peça religiosa: José de Arimateia, Caifás e Cirineu, que foi obrigado pelos soldados romanos a carregar a cruz de Cristo no calvário. «Este ano, a cruz era muito pesada», brinca Filipe, entre sorrisos.

Risonho, prestável, a candura de Filipe estende-se à comunidade da terra. «Sou muito religioso, sou eu que ponho o sinito a tocar quando o padre entra». É ele também que acompanha a avó de 98 anos no terço diário. As rotinas cumprem-se. Religiosamente. Apanha todos os dias o autocarro que sai de São Martinho de Árvore às dez menos oito. Susana Ribeiro, técnica auxiliar de farmácia, realça a boa-disposição dele, «sempre a cantarolar músicas da igreja». Todos observam que é feliz na farmácia, «tem os níveis de motivação sempre ao máximo».

A Farmácia Luciano & Matos tem uma equipa amadora que participa em muitas corridas. «Filipe, chegaram as tuas sapatilhas», disse-lhe há uns tempos Helena Amado, ao receber uns ténis que tinha encomendado. Ele fugiu. Voltou pouco depois, para vigiar o robô e as

rotinas. Está sempre a circular, entre a retaguarda e o balcão. Ao seu ritmo. Põe os telefones no lugar e distribui a Revista Saúda pelos balcões. Filipe vai a todas, desde que não lhe desarrumem a cabeça e... não o obriguem a correr a maratona.

QUANDO VAI DE FÉRIAS, A EQUIPA JÁ TEM DIFICULDADE EM VIVER SEM ELE



«É uma pessoa espectacular. A gente vê pessoas com mais saúde e não têm as capacidades que ele tem», assegura Nelson Silva

MARIA BEATRIZ DOS SETE OFÍCIOS

**FARMÁCIA
SALGADO**
FERREIRA DO ALENTEJO



REPORTAGEM: PATRÍCIA FERNANDES
FOTOGRAFIA: PEDRO LOUREIRO

O calor e a pronúncia denunciam o local onde se encontra a Farmácia Salgado. Nasceu em Ferreira do Alentejo nos anos 40, ainda como Farmácia Moreira. Mudou de nome há 23 anos, depois de ter passado para as mãos do farmacêutico José Salgado.

O estabelecimento tem a idade e o prestígio que a terra dedica aos mais velhos. «É a minha farmácia preferida. Aqui é que eu me sinto bem. Já conheço o doutor há muito», confidencia Maria Susana, de 64 anos.

Maria Beatriz Salgado, de 22 anos, filha do proprietário, faz parte das paredes da farmácia. O cromossoma a mais, característico da trissomia 21, não a torna menos capaz do que os outros. Destaca-se pelo empenho e boa-disposição, que não deixa ninguém indiferente. Os utentes já estranham quando está ausente, questionando de imediato: «A menina hoje não está cá?».

Ela é a rapariga dos sete ofícios. Atende telefones e ajuda ao balcão. Arruma os medicamentos por ordem alfabética, identifica as faltas e repõe os stocks melhor do que toda a gente. Usa os dois bolsos da bata para recolher das banheiras as embalagens para as gavetas e prateleiras. Para os utentes, tanta desenvoltura chega a ser um espectáculo. «Medicamento dentro do bolso, já é da praxe», ouve-se ao fundo da farmácia. «É para não perder tempo», completa Maria Susana. A rapidez e a facilidade com que executa as suas tarefas fazem de Beatriz uma mais-valia para a farmácia. «Tem memória fotográfica. Vai ver a caixa e sabe onde está. Tivemos agora uma encomenda e ela já arrumou quase tudo», relata José Salgado.

Maria Beatriz chega a passar facturas. Só no que

A TENDE
TELEFONES,
AJUDA AO BALCÃO
E DETECTA PRIMEIRO
AS FALTAS
DE MEDICAMENTOS



RÁPIDA
E MINUCIOSA,
É IMBATÍVEL
A GERIR STOCKS

toca a dinheiro pede auxílio. É ainda uma formadora qualificada nas tarefas que domina. Enquanto arruma os medicamentos, ensina a irmã mais nova, Ana Pilar, de oito anos. «Qual é a primeira letra?», questiona. «É a letra “A”. Onde está o “A”? Está aqui!», explica-lhe, com cuidado e entusiasmo.

O ambiente familiar estende-se a toda a equipa. As técnicas de farmácia coincidem nesse sentimento. «Nós aqui somos praticamente uma família. Aliás, a Beatriz trata-nos por tias», contam. «Todos os dias há coisas novas. Ficamos surpreendidas porque ela, muitas vezes, dá o primeiro passo sem lhe dizermos nada», revela Célia Rato, colaboradora há quase 30 anos, com carinho patente no rosto. «Faz o mesmo serviço que nós, naturalmente com as suas limitações», concorda Maria Fragoso, também com 29 anos de casa. Trabalhar com Beatriz é «gratificante» para ela.

A presença de Beatriz ajudou a unir gerações. «Valores materiais para ela não há, só há sentimentais. As pessoas sabem disso, por isso é que vêm aqui, porque gostam do ambiente», declara Salete Silva, a mais nova da equipa. «Dedica-se a 100 por cento em qualquer

! O CROMOSSOMA A MAIS NÃO A TORNA MENOS CAPAZ DO QUE NINGUÉM

qualquer situação e é muito desenrascada. Ela quer é trabalhar», diz Luísa Torres, que se reformou no ano passado depois de uma vida dedicada à farmácia. Já sente saudades. A jovem com trissomia 21 conquistou o direito a ser encarada como uma mais-valia no dia-a-dia, por ser muito empenhada e ter sempre vontade de aprender. «Se calhar, qualquer outra pessoa sem dificuldades não teria o mesmo amor e entrega total», considera Luísa. A experiência leva as técnicas de farmácia a recomendar vivamente a inclusão de trabalhadores com necessidades especiais nas empresas. «As pessoas nem sabem a capacidade que estas pessoas têm», assegura Célia.

Maria Beatriz está sempre disponível para ajudar, até aos fins-de-semana. Atende o telefone, entrega um saco, conversa com os clientes à espera. Acaba por aliviar as colegas em momentos de azáfama. Integrou a equipa através de um estágio curricular da Cerebeja, cooperativa sem fins lucrativos que se dedica à educação e integração socioprofissional de pessoas com necessidades especiais. Concluiu o 12.º ano. Nunca teve dúvidas de que o seu caminho seria a farmácia. No dia 1 de Maio, Dia do Trabalhador, iniciou um estágio de inserção profissional de nível três.

Fora da farmácia, tem outros sete ofícios: aulas de pilates, teatro, guitarra, escrita, voluntariado.... E guarda sempre tempo para conviver com as amigas da terra. «Costumamos ir todas ao café. Eu adoro-a e ela sabe. É muito minha amiga», refere Vitória Santana. Para Beatriz, o amor é o mais importante. «Desde que nasci nunca fui rejeitada, fui e ainda sou muito amada», declara. Aprecia o trabalho e tem afecto pelas colegas, por estarem «sempre» com ela, mesmo nos momentos mais difíceis. Para o futuro, o desejo de Maria Beatriz é só um:

«Quero continuar aqui para sempre».





EM CAUSA PRÓPRIA

Associações de doentes subscrevem petição para salvar as farmácias.

TEXTO: RITA LEÇA

FOTOGRAFIA: PEDRO LOUREIRO

Teríamos saúde se engolíssemos todos os fundos de garrafa de uma farmácia antiga.

As palavras são do escritor francês, do século XIX, Victor Hugo. Se vivesse nos dias de hoje, o autor de “Os Miseráveis” e de “Notre-Dame de Paris” teria de prolongar a frase, já que as farmácias actuais, além de medicamentos que curam, oferecem consultas variadas, testes de rastreio do VIH/sida, medem parâmetros, prestam aconselhamento

e dão, sempre grátis, uma palavra amiga. Por todas estas razões, as associações de doentes de alzheimer, psoríase, lúpus, sida, doenças respiratórias e ostomizados assinaram a petição “Salvar as Farmácias, cumprir o SNS”. Numa palavra, os doentes consideram o documento entregue à Assembleia da República «crucial».

«A farmácia é o local onde se encontra uma palavra de conforto e de apoio», diz Isabel Saraiva, da **Respira - Associação de Pessoas com Doença Pulmonar**



Obstrutiva Crónica e outras Doenças Respiratórias Crónicas.

«Os seus profissionais são, muitas vezes, a primeira e única ajuda no esclarecimento de dúvidas e informações precisas», considera.

O caso das doenças respiratórias é flagrante. «São pouco consideradas na nossa sociedade. Há muita gente que tem e não dá importância. Mas são mortíferas! Se uma pessoa não consegue respirar, morre», desabafa José Albino, a viver com Doença Pulmonar Obstrutiva Crónica (DPOC) há 20 anos. Os dados mais recentes do Observatório Nacional das Doenças Respiratórias confirmam: a cada duas horas morre um doente. O problema tende a agravar-se com o envelhecimento da população e a degradação da qualidade do ar, estimando-se que as doenças do pulmão «venham a ocupar o pouco invejável terceiro lugar entre

as causas de morte», como aponta Isabel Saraiva.

«Muitas vezes, é na farmácia que se descobre a doença, onde se reconhecem os sintomas», defende José Albino, de 69 anos. No seu caso, tudo começou com sinais típicos de uma constipação invernal, seguidos de um grande cansaço, que nunca mais o deixou. «Tinha pouco mais de 50 anos. Custava-me imenso subir escadas ou rampas. Tinha de parar a meio», lembra, confessando: «Estava atento porque fumava. E muito! Acordava para fumar», recorda, aliviado por ter apagado o último cigarro há duas décadas.

Também no combate ao tabagismo as farmácias desempenham um papel essencial. «Estão próximas das pessoas e, por isso, são determinantes para ajudar quem quer deixar de fumar», considera José Albino, que aprova com entusiasmo as consultas de nutrição, já presentes em muitas farmácias. «São importantíssimas. O cigarro queima muitas calorias. É normal engordar após largar o vício», explica.

José Albino mantém uma vida activa, mas sempre sujeito aos limites impostos pela DPOC. Logo, defende a existência de consultas de cessação tabágica em todos os centros de saúde e, também, nas farmácias, «tanto nas grandes cidades como em zonas rurais».

Para muitos portugueses, a farmácia é o único ponto

«**A** S FARMÁCIAS
SÃO
DETERMINANTES
PARA AJUDAR QUEM
QUER LARGAR O
VÍCIO», CONSIDERA
O ANTIGO FUMADOR
COMPULSIVO

«No Interior do país, a farmácia quebra o isolamento», afirma Manuela Morais, da Associação Alzheimer Portugal



de contacto social que resta. «No Interior do país, muitas vezes desertificado e idoso, quebra um pouco o isolamento em que muitos se encontram», aponta, por sua vez, Manuela Morais, da associação **Alzheimer Portugal**, para quem a farmácia foi «um amigo presente» em todo o percurso da doença da mãe.

«Quando foi diagnosticada com alzheimer, caiu-nos o mundo em cima», conta Manuela Morais, recordando as situações desesperantes que viveu, muitas vezes sem um médico à mão e sem a linha Saúde 24, ainda por inventar. «Socorremo-nos da farmácia e sempre obtivemos resposta e apoio», lembra.

Isso foi há 30 anos. Hoje, muitas coisas melhoraram: «Antes, pensava-se que a partir dos 65 anos

A MÃE, DOENTE DE ALZHEIMER, VIVEU MOMENTOS DESESPERANTES SEM UM MÉDICO À MÃO

tudo era arteriosclerose», recorda Manuela Morais. Já as farmácias continuam a ser insubstituíveis. Os doentes com alzheimer, a partir de certa altura, não conseguem dizer o que têm ou o que sentem. «A família é muito importante para descodificar essas necessidades. Os farmacêuticos sabem identificar as situações, minimizar os danos e aconselhar», exemplifica.

Ser farmacêutico é abraçar uma profissão que vai além do que se aprende nos livros. Muitas pessoas vão à farmácia apenas para falar e serem escutadas. «A sensibilidade, o facto de chegarem a todos e a forma como atendem as populações mais vulneráveis tornam os farmacêuticos fundamentais», sublinha Maria Eugénia Saraiva, da **Liga Portuguesa Contra a Sida**, enquanto coloca o seu nome na lista em que mais de 120 mil cidadãos reclamam a manutenção e o aperfeiçoamento de uma rede de qualidade a nível nacional.

Segundo a Organização Mundial de Saúde, Portugal é hoje o segundo país da União Europeia onde a sida continua a fazer mais vítimas mortais – 134, em 2017 –, só superado pela Roménia (170 óbitos). Por isso, os rastreios são essenciais. A detecção precoce diminui o risco de contágio em cadeia. Desde Outubro, é possível fazer testes rápidos ao VIH/sida e às hepatites nas farmácias de Cascais, sem necessidade de prescrição médica. Está previsto alargar esta experiência a Lisboa, Porto e outras cidades porque as farmácias tornam o rastreio fácil e acessível aos cidadãos.

O Programa do Governo prevê ainda o aproveitamento da rede de farmácias para a dispensa de medicamentos anti-retrovíricos aos portadores de VIH-sida, evitando que tenham de fazer deslocações desnecessárias aos hospitais, especialmente aqueles que vivem mais longe das grandes



«Os farmacêuticos são fundamentais pela forma como atendem as populações mais vulneráveis», considera Maria Eugénia Saraiva, da Liga Portuguesa Contra a Sida



cidades. Os doentes do Hospital Curry Cabral que optaram por ser assistidos nas farmácias comunitárias estão plenamente satisfeitos, de acordo com um inquérito de satisfação realizado por centros de investigação da

Faculdade de Medicina de Lisboa e da Universidade Católica. A petição “Salvar as Farmácias, Cumprir o SNS” pede à Assembleia da República o alargamento dessa experiência.

O documento propõe ainda o aproveitamento da rede de farmácias para combater a desigualdade territorial no acesso à saúde. «Já fecharam os correios e as escolas. Os centros de saúde, por vezes, estão longe e os transportes escasseiam. Nestes locais, só sobram as farmácias», reclama Jaime Melancia, da **Associação Portuguesa da Psoríase**. Segundo ele, «no caso da Dermatologia, quem vive no Interior do país tem grande dificuldade em aceder às consultas». Por isso, «é essencial garantir que os doentes podem contar com a farmácia que têm mais perto». Na defesa dos doentes, Jaime Melancia sublinha

Luís Dutschmann defende que as farmácias são o melhor local para alertar a população para a doença de lúpus



«**MUITAS PESSOAS SÃO ALERTADAS NA FARMÁCIA PARA OS SINAIS DA DOENÇA**», VALORIZA A ASSOCIAÇÃO DE DOENTES COM LÚPUS

que, apesar dos «farmacêuticos não poderem fazer o diagnóstico, podem – e fazem-no muitas vezes – alertar para os sintomas, avisando que a psoríase não é apenas uma questão de pele, mas uma doença que, se não for bem tratada, pode ter repercussões sérias». Além disso, muitos doentes vão à farmácia à procura de apoio psicológico e esclarecimento de dúvidas, áreas onde os farmacêuticos actuam de forma directa.

O valor de uma rede de farmácias bem distribuída pelo território também é evidente para os doentes com lúpus. «Muitas vezes, as pessoas nem sabem que têm a doença. Na farmácia, são alertadas para os sinais de suspeita, obtêm esclarecimentos e são orientadas», declara Luís Dutschmann, da **Associação de Doentes com Lúpus**. Uma relação de confiança estabelecida de Norte a Sul do país, que faz com que Luís Dutschmann defenda que a melhor forma de alertar a população para esta doença é nas farmácias. «Por se apresentar de maneiras tão diferentes, o lúpus é facilmente confundido. A presença de panfletos informativos, por exemplo, pode ajudar».

Para os doentes ostomizados, as farmácias são o «ponto de socorro» sempre presente, seja na obtenção dos sacos de ostomias, agora comparticipados a 100 por cento, seja no aconselhamento do seu uso e manutenção. «Para nós, a rede de farmácias é importantíssima. Em

especial agora, com a comparticipação», sinaliza Paulo Remédios, da **Associação Portuguesa de Ostomizados**. Este representante dos doentes mostra-se preocupado pelo facto de 25 por cento das farmácias se encontrar em risco de sobrevivência. «Se não há uma boa rede, de que nos serve tornarem os produtos gratuitos? Não conseguimos alcançá-los...», lamenta. Por isso, para Paulo Remédios «esta petição faz todo o sentido». «Normalmente os ostomizados são pessoas de certa idade e, muitas vezes, incapacitadas. Garantir uma boa rede de farmácias, de qualidade, como defende esta petição, é fundamental. É crucial, mesmo!».

PARA OS DOENTES OSTOMIZADOS, AS FARMÁCIAS SÃO O «PONTO DE SOCORRO» SEMPRE PRESENTE



«Se não fosse a rede de farmácias, de que nos serviria tornarem os produtos gratuitos?», pergunta Paulo Remédios, da Associação Portuguesa de Ostomizados



DESAFIO PERMANENTE

Doentes crónicos precisam de novas respostas.

TEXTO: SANDRA COSTA **FOTOGRAFIA:** MIGUEL RIBEIRO FERNANDES

«**É** necessária uma «reengenharia da rede de cuidados e da própria sociedade, que dê resposta efectiva e integrada às pessoas que vivem com doença crónica», defendeu a ministra da Saúde na conferência anual da Plataforma Saúde em Diálogo, que reúne associações de doentes, promotores, profissionais de saúde e consumidores.

Marta Temido declarou que a estratégia de redução da doença crónica passa por dois grandes eixos: adopção

de estilos de vida saudável e resposta integrada dos serviços de saúde, a fim de melhorar a qualidade de vida dos doentes. Na sessão realizada em Lisboa, no dia 31 de Maio, a governante lembrou uma série de políticas públicas para reduzir os factores de risco, como a revisão da lei do tabaco e o imposto sobre as bebidas açucaradas, ambas de 2017. Mas, alertou, «a resposta ao problema não se esgota no Serviço Nacional de Saúde (SNS)».

O último Inquérito Nacional de Saúde revelou que

Mais de metade dos portugueses sofre de doença incurável

mais de metade dos portugueses vive com pelo menos uma doença crónica e 16 por cento tem três ou mais. As doenças crónicas estão entre as dez principais causas de morte e de morte prematura. Mais de metade dos óbitos, em 2017, teve origem em doenças do aparelho circulatório e tumores malignos. Oito em cada dez doenças crónicas têm origem comportamental.

O valor da prevenção foi o tema da intervenção de Francisco Goiana da Silva, docente de Gestão e Inovação em Saúde na Faculdade de Medicina da Universidade da Beira Interior e consultor no gabinete do secretário de Estado Adjunto e da Saúde. O médico desafiou o Estado português a aumentar o investimento na prevenção. Hoje representa um por cento do orçamento da Saúde. A média europeia é de três por cento «É a única forma de o SNS ser sustentável», disse Goiana da Silva. O Ministério da Saúde deve ser chamado a intervir em áreas dispersas por outros ministérios, como a alimentação e actividade física, pois «é lá que se fazem sentir as consequências das más políticas».

Na conferência “Viver com Doença Crónica”, vários doentes foram chamados a dar testemunho sobre a realidade vivida enquanto crianças, na escola, e no universo laboral. Não raras vezes, as crianças afectadas por doenças crónicas são vítimas de *bullying*. E também acontece «os outros pais pensarem que são doenças contagiosas», explicou Mário Morais de Almeida, da Associação Portuguesa de Asmáticos. É importante manter uma comunicação permanente com a comunidade escolar, explicar o diagnóstico e educar os cuidadores na escola.

Quem padece de uma doença crónica não pode trabalhar em igualdade de circunstâncias. Mas pode trabalhar, se forem garantidas condições para isso. Por um lado, condições físicas, como casas de banho, cadeiras, telefones de mãos-livres e outros equipamentos



Marta Temido defendeu «uma reengenharia da rede de cuidados e da própria sociedade»



Francisco Goiana da Silva desafia o Estado a investir mais em prevenção



«A vida das crianças que têm dermatite atópica é um drama porque os outros pais pensam que é contagiosa», explicou o médico Mário Morais de Almeida, da Associação Portuguesa de Asmáticos

ergonomicamente adaptados. Por outro, condições ambientais, como horários ajustados, pausas regulares e teletrabalho. «Coisas simples, mas que requerem a aceitação dos colegas e da entidade patronal», explicou Inês Afonso, que sofre de fibromialgia. As pessoas com doenças crónicas devem ser vistas como activos e não como «activos de alto risco», disse Alexandre Silva, que sofre de esclerose múltipla. «Nenhum doente crónico quer ser aposentado por invalidez».



Segunda visita à Farmácia da Lajeosa no espaço de um ano

«FARMÁCIAS SÃO FUNDAMENTAIS»

TEXTO:
CARLOS ENES / RITA LEÇA

FOTOGRAFIA:
MIGUEL RIBEIRO FERNANDES

Presidente Marcelo inaugura farmácia em Lajeosa do Dão.

O Presidente da República voltou a chamar a atenção para a importância das farmácias para as populações que vivem mais isoladas. «Uma palavra para o papel das farmácias por todo o país, sobretudo naqueles "portugais" que são, muitas vezes, mais esquecidos por quem vive naquele Portugal

que aparece mais vezes na televisão, na rádio e nos jornais», disse Marcelo Rebelo de Sousa, na inauguração das novas instalações da Farmácia da Lajeosa, que ardeu no grande incêndio de Outubro de 2017.

O chefe de Estado defendeu a manutenção de serviços de saúde de proximidade nas regiões cada vez

!PRESIDENTE DEIXOU UM AVISO: O ENCERRAMENTO DE MAIS SERVIÇOS DE SAÚDE DE PROXIMIDADE É «IMPENSÁVEL»

mais vastas do Interior marcadas pelo despovoamento, a desertificação e o envelhecimento. «É fundamental que a saúde esteja presente nesses "portugais" esquecidos. Sobretudo num país como o nosso que, infelizmente, ainda continua a envelhecer», sublinhou. Marcelo recordou que «o grupo dos menos jovens exige cuidados mais complicados, mais duradouros, em que a proximidade



Marcelo lembrou que «os menos novos precisam de mais cuidados»

O dia foi de festa rija, com a população reunida na farmácia



é fundamental, porque nem todos têm a possibilidade de se deslocar longe».

Neste século, o Estado fechou 757 extensões de centros de saúde até 2011. Continuou a fazê-lo na última década. No entanto, com o agrupamento dos centros de saúde e a respectiva renomeação, o Instituto Nacional de Estatística deixou de perceber e de publicar os números sobre esse fenómeno de encerramento em massa de serviços. Marcelo Rebelo de Sousa considera «impensável» o agravamento desta tendência. Deu como exemplo a extensão de saúde da Lajeosa do Dão e mostrou estar informado de que ainda tem «uma médica quatro vezes por semana».

Para o Presidente da República, a concentração de serviços, públicos e privados, nas regiões urbanas, ameaça a igualdade no acesso à saúde. «Uma das conquistas do 25 de Abril é a Saúde, que envolve o Serviço Nacional de Saúde e outros também empenhados na saúde», declarou. A farmácia e a extensão de saúde da Lajeosa do Dão são «fundamentais para não termos, ainda mais do que já temos, portugueses de primeira, de segunda, de terceira e de quarta. Não pode ser! Temos de caminhar para sermos todos cidadãos de primeira. Porque é isso, verdadeiramente, a igualdade entre os portugueses».

O farmacêutico Hugo Ângelo sublinhou a «luta pela sobrevivência» desde que adquiriu a Farmácia da Lajeosa, há 12 anos. «Nos dias de hoje, o trabalho na farmácia é árduo e muito minucioso. Para além das necessidades de cada utente, temos de estar atentos aos medicamentos esgotados», descreveu. O director-técnico mostrou-se orgulhoso pelo serviço que oferece em Lajeosa do Dão, vila do concelho de Tondela com menos de dois mil

«**E**STOU HÁ
12 ANOS
A LUTAR PELA
SOBREVIVÊNCIA»,
DESABAFA
FARMACÊUTICO

Marcelo Rebelo de Sousa incentivou o farmacêutico a responder à tragédia com novas instalações



A antiga farmácia ardeu por completo no incêndio de Outubro de 2017

BEATRIZ E O FUTURO

«**N**o dia 15 de Outubro de 2017, o grande incêndio na região Centro destruiu 50.000 hectares e matou 48 pessoas. A Farmácia da Lajeosa e a Farmácia Central, de Melo, Gouveia, foram totalmente arrasadas pelas chamas. No dia seguinte, já estavam outra vez ao serviço, em instalações provisórias cedidas pelas juntas de freguesia.

O Presidente da República visitou a primeira há um ano. Incentivou o farmacêutico proprietário a aproveitar a tragédia para investir em novas instalações e prometeu voltar para a inauguração.

Marcelo Rebelo de Sousa cumpriu a promessa. O dia 19 de Junho foi dia de festa rija na Lajeosa do Dão, com um almoço aberto a toda a freguesia, como

desejado pelo chefe de Estado, simbólico da igualdade de direitos entre cidadãos. Para além da inauguração da farmácia, o director-técnico celebrava o primeiro aniversário do nascimento da filha Beatriz.

O Presidente da República fechou o seu discurso com um voto de parabéns, que foi simultaneamente uma declaração política em favor do futuro do Interior. «É uma feliz coincidência o aniversário da Beatriz. A mãe foi das pessoas que mais se arriscaram no combate ao incêndio. O nascimento da Beatriz é um sinal de futuro. É importante haver crianças a nascer, poderem ser jovens e ter emprego para ficar onde nasceram. Para que não morram povoações e Portugal seja mais equilibrado no seu território», desejou Marcelo Rebelo de Sousa.

habitantes. «A rede de farmácias é fundamental para a coesão territorial, porque presta serviço de excelência, quer estejamos numa grande cidade ou no Interior do país», declarou Hugo Ângelo. «Infelizmente temos assistido a uma degradação dos serviços públicos de proximidade, designadamente dos serviços de saúde. Isso tem de parar», apelou o farmacêutico, em consonância com o Presidente da República.

O director-técnico agradeceu os apoios públicos e privados que recebeu para erguer as novas instalações e prestou homenagem pública à sua equipa, que aguentou a farmácia em instalações provisórias, cedidas pela junta de freguesia, desde o trauma do incêndio. Para além do director-técnico, a Farmácia da Lajeosa tem uma farmacêutica-adjunta, Conceição Correia. A equipa conta com quatro técnicas de farmácia – Cláudia Loureiro, Cristina Figueiredo, Fátima Figueira e Tânia Milhães –, a auxiliar Marisa Canas e a estagiária administrativa Sónia Sobral.

O farmacêutico Hugo Ângelo agradeceu à sua equipa por «aguentar» a farmácia enquanto ele tratava do novo investimento



O Presidente cumpriu a promessa de voltar para a inauguração



MARCELO SAÚDA
CADA NASCIMENTO
NO INTERIOR DO PAÍS



SOS, SNS

Convenção Nacional da Saúde alerta para a crise instalada.

TEXTO: SÓNIA BALESTEIRO FOTOGRAFIA: MÁRIO PEREIRA

«O Serviço Nacional de Saúde (SNS) vive um momento de crise. A Convenção Nacional da Saúde (CNS), que reúne 71 associações de doentes, ordens profissionais, prestadores públicos e privados, fornecedores de serviços e outras organizações lançou um alerta à sociedade portuguesa. «Os problemas multiplicam-se todos os dias», declarou a bastonária da Ordem dos Farmacêuticos, a quem coube apresentar as conclusões da CNS.

As listas de espera e a falta de medicamentos nas farmácias estão entre no topo dos problemas que afectam os doentes. «As pessoas procuram soluções para conseguir a consulta que esperam há seis meses, para obter o medicamento de que precisam, para não esperar dois

«PROBLEMAS SURGEM TODOS OS DIAS», ALERTA BASTONÁRIA



«A equidade do acesso e da prestação de cuidados de saúde em qualquer ponto do país é um aspecto prioritário», declarou Ana Sampaio, que representou 71 associações de doentes na sessão de encerramento

anos por uma cirurgia. Estas são as dificuldades reais de pessoas reais», descreveu Ana Paula Martins, na sessão pública que se realizou no dia 18 de Junho, em Lisboa.

Uma auditoria do Tribunal de Contas detectou que, em muitos serviços, o tempo de espera para uma primeira consulta hospitalar ultrapassa os dois anos. A morbilidade e a mortalidade são afectadas pelos diagnósticos tardios, mas também pelo atraso nos tratamentos. Em 2016, 2.605 doentes morreram quando esperavam por uma cirurgia. «Os portugueses não podem ter listas de espera de anos por uma primeira consulta de especialidade ou cirurgia», defendeu Ana Paula Martins.

A CNS também não se conforma com «as enormes falhas de medicamentos que há actualmente na nossa rede de farmácias», que bateram um novo recorde no primeiro semestre deste ano. De acordo com uma sondagem do Centro de Estudos e Avaliação em Saúde (CEFAR), que publicamos nesta edição da Farmácia Portuguesa, 3,4 milhões de portugueses enfrentaram o problema no último ano. Um milhão e quatrocentos mil tiveram de marcar uma segunda consulta, só para os médicos alterarem a prescrição. Para 371 mil doentes não houve solução, tendo sido forçados a interromper a terapêutica.

Há outras agressões à saúde e ao bem-estar dos portugueses. A CNS lamenta a enorme carência de cuidados de saúde oral e de saúde mental, assim como o adiamento no acesso à inovação terapêutica. «Os portugueses não podem esperar eternidades por tratamentos inovadores que podem fazer a diferença, ou continuar a ter um sistema de comparticipação de medicamentos

DIAGNÓSTICOS E TRATAMENTOS TARDIOS AFECTAM MORBILIDADE E MORTALIDADE



que, passados 20 anos, se centra na terapêutica e não maioritariamente no doente», apelou a bastonária dos farmacêuticos.

A debilidade da rede de cuidados paliativos ofende a dignidade dos doentes e das suas famílias. «Continuamos, apesar dos alertas, a manter nos hospitais camas sociais com internamentos médios prolongados, ao invés de desospitalizarmos as pessoas, de as tratarmos em proximidade», criticou Ana Paula Martins.

Os doentes com VIH-sida e oncológicos continuam a ser

«**N**ÃO QUEREMOS
UM SNS
PARA POBRES»,
RESUMIU
ANA PAULA MARTINS

impedidos de escolher levantar os seus medicamentos na farmácia comunitária da sua preferência, ao contrário do prometido no Programa do Governo. «Obrigar as pessoas a deslocar-se ao hospital a buscar a sua terapêutica não faz sentido», criticou, a este respeito, o presidente da ANF.

No discurso que dirigiu à CNS, Paulo Cleto Duarte mostrou-se inconformado com as desigualdades no acesso à saúde. «Não é aceitável que, hoje, a zona em que eu nasço determine o tipo de acesso a cuidados de saúde. Não é aceitável que a minha condição económica determine se eu tenho acesso ou não a uma determinada tecnologia, a um determinado medicamento ou cuidado de saúde. Não é aceitável que isso aconteça no século XXI, não é aceitável que isso aconteça em Portugal», declarou.

A desigualdade territorial no acesso à saúde é uma das maiores preocupações das 71 associações de doentes representadas na CNS. «A equidade do acesso e da prestação de cuidados de saúde em qualquer ponto do país é um aspecto prioritário», declarou Ana Sampaio, presidente da Associação Portuguesa da Doença Inflamatória do Intestino. Estas associações vão trabalhar nos próximos meses numa proposta integrada de soluções para as doenças crónicas e raras.

A CNS serviu também para denunciar o subfinancia-



«As desigualdades em Saúde são um problema sério em Portugal», afirmou o bastonário da Ordem dos Médicos

mento crónico do SNS. De acordo com dados da Comissão Europeia, em Portugal, a despesa pública *per capita*, em paridade do poder de compra, fica a menos de metade da média da União Europeia: 1.297€ contra 2.609€. A despesa pública neste sector caiu para 6% do produto interno bruto (PIB), quando é de 8% na média daqueles países. «Das duas uma: ou os outros países andam a desperdiçar dinheiro em tempos económicos difíceis, ou nós em Portugal continuamos incapazes de reconhecer que o investimento em saúde transforma a sociedade», disse Ana Paula Martins.

As organizações propõem ao Governo que deixe de olhar para a Saúde como despesa mas como investimento e oportunidade. «Em 10 anos, se fizermos o que está certo, sem ziguezagues conjunturais, passaremos de 1,4 mil milhões de euros de exportação para o dobro, sensivelmente 3 mil milhões de euros no sector da saúde. A saúde, porque alicerçada no conhecimento e na tecnologia, é um dos nossos pontos de lança na internacionalização», defendeu Ana Paula Martins. O presidente da Associação Portuguesa da Indústria Farmacêutica (APIFARMA) enfatizou este

ponto. «Não podemos esquecer o impacto que as decisões sobre saúde têm na vida do doente. Abreviar o investimento em saúde pode ajudar a poupar no imediato, mas a prazo os custos são infinitamente maiores», alertou João Almeida Lopes. «Todos sabemos que isso não é poupança nenhuma. Há, logo de seguida, um aumento de custos e uma destruição de riqueza injustificável», recordou o líder da APIFARMA.

O problema do financiamento vai dominar a agenda da CNS nos próximos anos. «Isto é, de facto, da responsabilidade dos políticos», declarou o bastonário da Ordem dos Médicos.

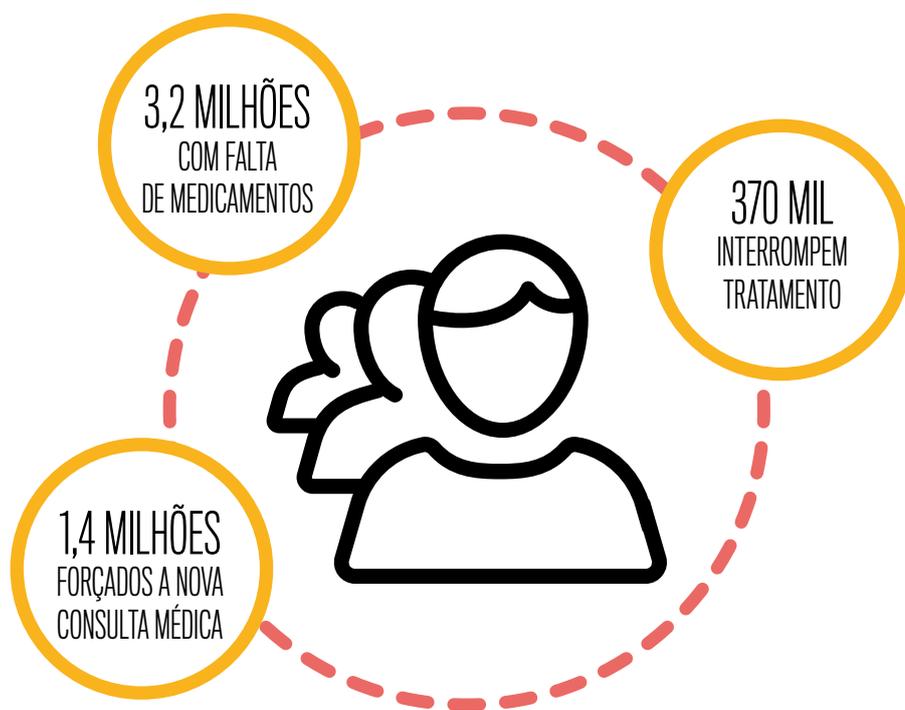
«O financiamento adequado do SNS significa dar-mos mais qualidade de vida, mais capacidade de trabalho, mais felicidade às pessoas», argumentou Miguel Guimarães. «Mas significa também diminuir-mos as desigualdades em saúde, que é um problema sério que temos neste país», concluiu o *chairman* da CNS.

«Não queremos um SNS para pobres», resumiu Ana Paula Martins, no discurso de apresentação das conclusões.



«Abreviar o investimento em saúde pode ajudar a poupar no imediato, mas a prazo os custos são infinitamente maiores», alertou João Almeida Lopes

TRATAMENTOS INTERROMPIDOS



TEXTO: CARLOS ENES

A falta de medicamentos nunca afectou tanto os portugueses. No último ano, 3,4 milhões enfrentaram o problema. O mais grave é que 371 mil foram forçados a interromper a terapêutica prescrita pelos médicos. Este é o principal resultado de uma sondagem realizada aos utentes das farmácias pelo Centro de Estudos e Avaliação em Saúde (CEFAR).

Participaram no inquérito, realizado na primeira semana de Abril, 2.097 farmácias.

No top 20 dos medicamentos cuja indisponibilidade provocou a interrupção dos tratamentos encontramos fármacos para diversas doenças crónicas. Diabéticos, asmáticos, portadores de doença pulmonar obstrutiva crónica e hipertensos declararam ter interrompido

tratamentos devido às falhas de mercado. Muitos doentes ficaram também mais expostos a episódios de enfarte do miocárdio e acidente vascular cerebral.

Mais de metade dos medicamentos identificados com indisponibilidade não integram qualquer grupo homogéneo. Ou seja, não têm genéricos ou outras alternativas com igual composição, que as farmácias possam propor. Nesses casos, a única solução do doente é recorrer novamente a uma consulta médica para alterar a prescrição.

No último ano, as indisponibilidades de mercado forçaram 1,4 milhões de consultas médicas só para alteração da prescrição. Como é evidente, este facto afecta a capacidade de resposta do SNS e as listas de espera. Do ponto de vista económico, as consultas de repetição tiveram um custo estimado entre 35,3 e 43,8 milhões de euros para o SNS e outros subsistemas e seguradoras. A variação deste indicador deve-se à impossibilidade de determinar com exactidão quantas dessas consultas foram presenciais.

O custo directo para os utentes das consultas forçadas pela necessidade de alteração da prescrição

DIABÉTICOS, ASMÁTICOS, PORTADORES DE DOENÇA PULMONAR OBSTRUTIVA CRÓNICA E HIPERTENSOS SÃO VÍTIMAS DA FALTA DE MEDICAMENTOS

MEDICAMENTOS EM FALTA QUE PROVOCARAM INTERRUPÇÃO DO TRATAMENTO

TOP 20 (PRINCIPAIS INDICAÇÕES TERAPÊUTICAS)

LASIX (doenças cardiovasculares, hepática e renal)

ASPIRINA GR 100MG* (doenças cardiovasculares)

TRAJENTA* (diabetes tipo 2)

SINEMET 25/100* (doença de Parkinson)

ADALAT CR 60MG (hipertensão)

STAGID* (diabetes tipo 1 e tipo 2)

ADALAT CR 30MG (doença cardíaca, hipertensão)

TRULICITY* (diabetes tipo 2)

DAROB (taquiarritmias)

XARELTO* (prevenção do AVC, prevenção e tratamento de doenças tromboembólicas)

INDERAL* (hipertensão, ansiedade, enxaqueca, doenças cardíacas e outras)

ATROVENT UNIDOSE (asma)

ALDACTAZINE* (hipertensão, doenças cardíacas, doença hepática, doença renal)

SINEMET* (doença de Parkinson)

HIDROCORTISONA ROUSSEL* (doenças endócrinas)

TRIPLIXAM* (hipertensão)

SPIRIVA RESPIMAT* (doença pulmonar obstrutiva crónica, asma)

TRIAPIN* (hipertensão)

ATROVENT PA* (doença pulmonar obstrutiva crónica, asma)

SPIRIVA* (doença pulmonar obstrutiva crónica)

*Medicamentos sem alternativas com a mesma composição

CUSTO DAS FALTAS

9.940 € / MÊS
FARMÁCIA

2,1 - 4,4
MILHÕES €
UTENTES

35 - 44
MILHÕES €
SISTEMA DE SAÚDE

situou-se entre 2,1 e 4,4 milhões de euros por ano. Este resultado decorre da ponderação de uma estimativa de consultas presenciais, assim como dos utentes que pagam taxas moderadoras (60 a 70 por cento).

Para além dos danos na relação com os seus clientes, as farmácias sofrem um impacto económico directo significativo. O estudo do CEFAR apurou que cada colaborador perde, em média, mais de cinco horas por semana a tentar resolver problemas relacionados com a falta de medicamentos, o que representa um custo para a farmácia de 9.940€ por mês.

As estimativas populacionais usadas neste censo foram calculadas com base nos dados de 2017 do Instituto Nacional de Estatística relativos à população residente. Estimou-se que 95% da população adulta foi pelo menos uma vez à farmácia ao longo do último ano. Portanto, a base do estudo foi de apenas 6,6 milhões de pessoas. «Usámos deliberadamente estimativas conservadoras na realização deste censo», declara António Teixeira Rodrigues, director do CEFAR. O estudo será repetido no próximo mês de Setembro.

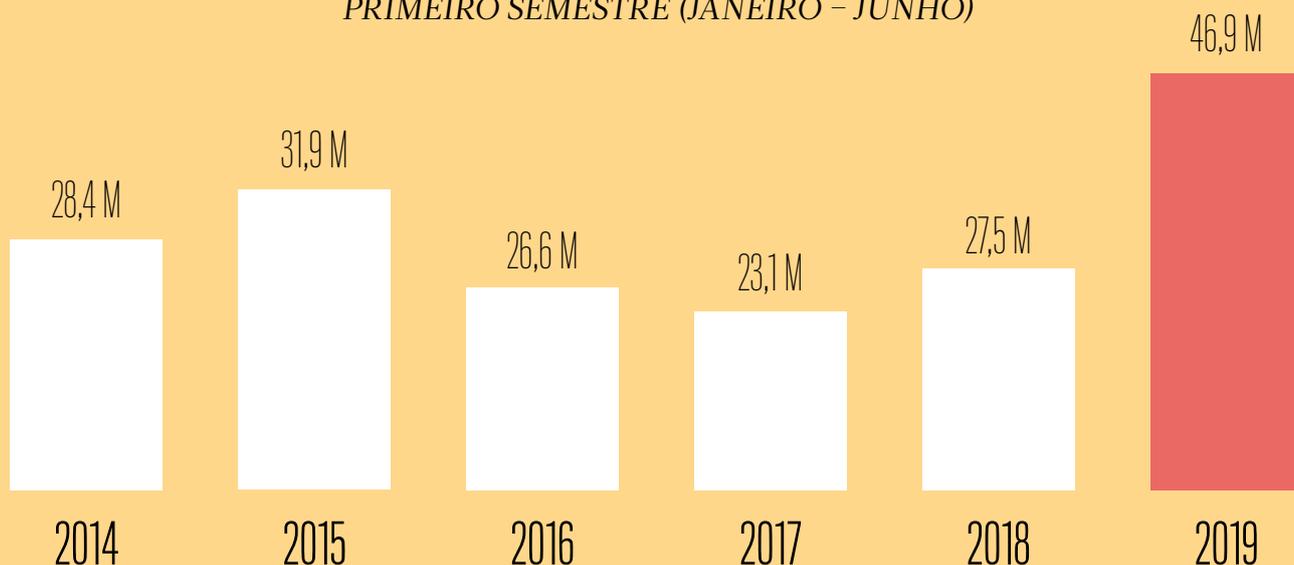
FALTAS
OBRIGAM
A NOVAS CONSULTAS
E ALIMENTAM LISTAS
DE ESPERA

NOVO E TRISTE RECORDE

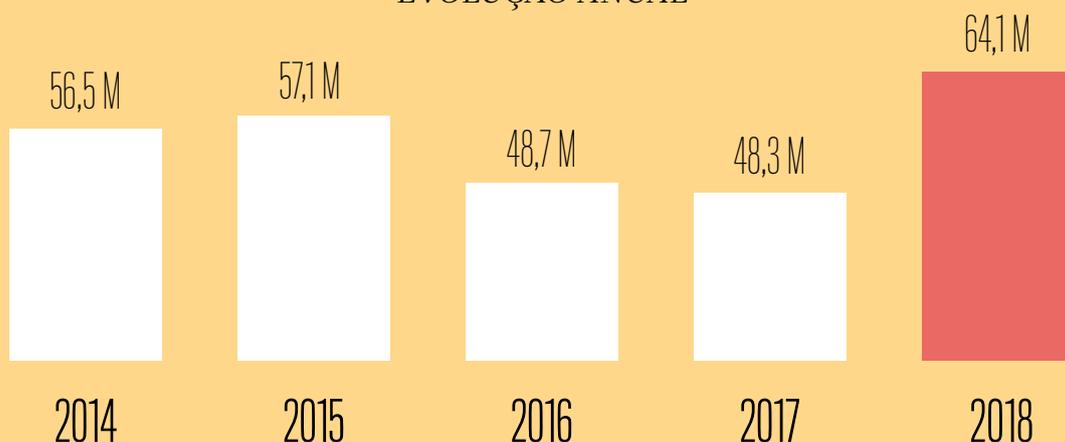
Faltas de medicamentos dispararam no primeiro semestre.

EMBALAGENS EM FALTA

PRIMEIRO SEMESTRE (JANEIRO – JUNHO)



EVOLUÇÃO ANUAL



As faltas de medicamentos atingiram no primeiro semestre deste ano um máximo histórico. As farmácias reportaram a indisponibilidade de 46,9 milhões de embalagens até 30 de Junho. No mesmo período de 2018, tinham reportado 27,5 milhões de embalagens em falta. Este indicador registou assim um agravamento de 70,6%.

Só no mês de Junho foram reportadas 9,3 milhões de

indisponibilidades de embalagens, por parte de 2.009 farmácias. A manter-se esta tendência, em Agosto já terá sido ultrapassado o número total de medicamentos indisponíveis registado no ano passado. Com mais de 64 embalagens em falta, 2018 já tinha sido o pior ano de sempre. Se até ao final do ano não se verificar uma súbita e abrupta inversão desta tendência, a falta de medicamentos em Portugal vai registar um novo recorde em 2019.

RUI
NABEIRO

«MESMO COM
ESTA IDADE,
PRECISO
DE APRENDER»»

TEXTO: MARIA JORGE COSTA
FOTOGRAFIA: LUÍS SILVA CAMPOS





REVISTA FARMÁCIA PORTUGUESA (RFP): Sabia que ia ser empresário?

RUI NABEIRO (RN): Sempre tive uma ambição, mesmo de garoto, garoto... Queria fazer o que via num familiar. Era um homem do campo e dizia para os pais «eu quero outra vida». E procurou-a muito novo. Aos 15, 16 anos já procurava a vida dele fora do país. Tudo isso me levou a pensar que queria ser igual, ou parecido. Sonhava em ser empresário? Não. Que pudesse atingir uma determinada craveira? Também não. As coisas acontecem, mas acontecem a quem tem audácia. Felizmente aconteceu.

RFP: Mas aconteceu porque trabalhou muito para isso.

RN: Muito, muito. Trabalho por uma questão de princípio. Não precisaria de trabalhar, tenho família. Trabalham também bem e eu podia estar descansado. Mas o tempo custaria mais a passar e eu já cá não estaria. Porque quem se habitua a lutar não aceita a tranquilidade.

RFP: Não é homem para parar de trabalhar?

RN: Não! Eu já meti a reforma há muitos anos e ainda não consegui parar até hoje.

RFP: Já se reformou há mais de 20 anos, não?

RN: Sim. Já estou com 88, tinha que ter parado há quase 30 anos.

RFP: Gosta mesmo daquilo que faz?

RN: Gosto e tenho gozo naquilo que faço. Dá-me alegria, dá-me satisfação.

RFP: Não é um escravo do trabalho?

RN: Não, e acho que isso não tem lógica nenhuma. Sou uma pessoa que vive para o trabalho, mas ser



«SONHO
COM UMA
SOCIEDADE COESA
E FORTE»

escravo do trabalho, não. Até dou condições a outros para que eu possa fazer menos. E isso foi também um lema que tive para mim próprio: trabalhar, dar o exemplo, mas dar condições a quem estava próximo de mim para poder fazer o que eu fazia.

RFP: Prepara há muito tempo a sua sucessão. A sua forma de liderar é dar autonomia às pessoas?

RN: Dou autonomia, mas por princípio não entrego. Eu vigio, mas não faço, há muitos anos. E logo bem jovem tinha trabalhos que tinha de dar, mas vigiava. Não mandava, ia ver. A ordem não é um descanso. Distribuímos as tarefas, mas temos de as conhecer. Fui, e sou, partidário de que um empresário na minha idade deve estar atento, mas deixar fazer. Tenho os filhos e os netos. Eles fazem tão bem como eu, mas sempre deito o olho. Discutimos aquilo que cada um possa fazer melhor, ou verificamos que se poderia ter dado um passo para um lado ou para o outro. Por acaso, tenho gente na família com muita preparação académica, diferente de mim, com mais conhecimentos. A minha experiência e como olho para as coisas são duas coisas que se compõem uma à outra.

RFP: Fundou a Delta há quase sessenta anos. Como decidiu criar a empresa?

RN: Os meus pais e um tio tinham uma fabriquetazinha nos anos 50. Eu tinha a ambição de crescer. Sempre corri os mercados, mesmo nessa altura. Comprávamos a matéria-prima em Angola, Cabo Verde (pouco), Timor e pouco mais. Comecei a pensar em fazer a minha própria vida, sem abandonar a que tinha. Decidi criar a empresa em Fevereiro de 1961. O início foi difícil. Pensei em desistir porque não se vendia. Mas, como tinha onde ir buscar um ordenado mínimo para me manter, não desisti. E consegui. Quando comecei, nem a concorrência acreditava. E quando eram alertados por alguém diziam: «Ah! Isso é aquele homem lá do Alentejo, mas eles andam devagar». Eu não andei devagar porque ia aos sítios comprar e vender o café. Quando os outros iam, eu já vinha.

«NÃO SOU HOMEM DE ESCRITÓRIO. TRABALHEI SEMPRE JUNTO DOS MEUS»

É isso é uma grande vantagem. Em 61, vi onde tinha de vender, estudei o mercado de cafés em grão. O mercado Horeca [acrónimo para Hotéis + restaurantes + cafés] estava ocupadíssimo. As pessoas deviam favores aos comerciantes, mas lá foram levando uns quilos do nosso café. Passava de mês a mês por esses sítios todos.

RFP: A ligação presencial fez diferença?

RN: Muita, muita... ainda hoje é útil. Eu já tinha uma forma de estar muito próxima com os espanhóis. Costumo dizer que estamos no Interior profundo e o nosso litoral é a fronteira com Espanha, onde aprendi bastante. O que eu fazia era levar o produto a casa e dar condições de pagamento. O crédito





na altura era mais difícil. Fui ganhando um espaçozinho. Os colegas da altura diziam que eu andava devagar. Eu andava era já com a cabeça mais à frente!

RFP: A aposta em inovação, em tecnologia, em investigação foi intuição?

RN: Sempre fui uma pessoa que não ficou em casa. Há 50 anos o português saía pouco e eu ia para Espanha. Com a Delta, comecei a ir a países, a feiras onde ninguém ou pouca gente ia. Isso deu-me experiência, formas de viver e de estar. Percebi que era este o caminho. Ia a uma feira e trazia matéria-prima e ideias que fizeram de mim uma pessoa com uma audácia

e imaginação que não apanhei na escola. Eu com a quarta classe não era mau, e não sou mau, mas havia carências. As viagens deram-me muitas referências, trouxe muitas ideias.

RFP: A Delta Q foi a primeira a fazer cápsulas sem plástico.

RN: Temos universidades e equipas de investigação que trabalham connosco. Essa cápsula só nos pode trazer mais força à força. Se não o fizesse, era um erro. *Mesmo com esta idade preciso de aprender.* Há uns anos tivemos problemas com uma marca nossa em Espanha. Era muito falsificada e todos os dias tínhamos de inventar como impedir a falsificação. Hoje, com o mundo aberto, tão claro, com tanto sol, há que procurar as pessoas que querem estar connosco. Tivemos essa oportunidade de imaginação de quem nos desafiou e fomos atrás. É a nossa maneira de estar.

RFP: Teve várias ofertas de compra e nunca cedeu. Ser e manter-se português foi determinante?

RN: Foi determinante, porque eu pensava atingir mais. Diziam: «Diga quanto é». Sei que é um valor incalculável. É uma grande marca, que dá um orgulho, mas um orgulho humilde.

«O NOSSO LITORAL É A FRONTEIRA COM ESPANHA, ONDE APRENDI MUITO»

RFP: Em 1988 criou o Grupo Nabeiro e começa a diversificação de áreas de negócio. Qual foi a ideia da diversificação?

RN: A ideia foi a sustentabilidade. Com um só negócio éramos mais frágeis.

RFP: Porquê o vinho?

RN: O vinho foi um capricho meu. Há muito tempo, Campo Maior tinha olival e vinha distribuída por todo o povo. A quem não tinha terras foi distribuído 0,75 hectares para plantar olival e vinha. Todos tinham vinho. Os meus avós também tinham. Com o tempo isso foi desaparecendo. E um dia decidi que tinha de fazer vinho. Em boa hora também, porque começa a ser uma marca e um bom produto.

RFP: Estamos no Centro de Ciência do Café. O que esteve na origem deste projecto?

RN: Tinha um sonho no local onde estamos porque os meus avós maternos viveram aqui numa quinta-rola de um lavrador. Viveram em condições muito carentes, como viviam as pessoas do campo. Fiquei sempre com vontade de fazer alguma coisa depois de ter comprado o terreno. Tinha a saudade do avô e da avó e assim se criou o museu.

QUANDO
OS OUTROS
IAM AOS SÍTIOS
VENDER CAFÉ,
EU JÁ DE LÁ
VINHA. E ISSO
É UMA GRANDE
VANTAGEM»

*Rui Nabeiro fundou a Delta em 1961.
A empresa é agora pioneira nas cápsulas sem plástico*



Rui Nabeiro ainda corre todas as "capelinhas" pela manhã, a visitar os funcionários



«**S**OU SOCIALISTA,
MAIS QUE NÃO
FOSSE PELA FORMA
COMO OS MEUS PAIS
VIVERAM»

RFP: Preocupa-se com os funcionários, conhece as pessoas. Para si os afectos são importantes?

RN: É que eu não sou homem de escritório. Trabalhei sempre junto dos meus funcionários. Continuo a levantar-me cedo e a visitar todas as "capelinhas". Conheço os meus colaboradores todos, os daqui e os que estão espalhados pelo país. Dou condições, abro portas, arranjo empregos, dou facilidade e isso é reconhecido. Por exemplo, nos anos 70 e 80 a maioria das pessoas nunca tinha saído de Campo Maior. E eu meti-os num autocarro – em nove autocarros – e fomos para o Sul de Espanha, para o Sul de Portugal. Fomos para a Madeira, os Açores e fomos para Las Palmas, nas Canárias. Eram umas 300 e tal pessoas. Essas pessoas nunca tinham saído de casa. Tive de parar, porque hoje somos muitos.

DELTA É ABEM

A Delta Cafés produziu cinco milhões de saquetas de açúcar numa campanha de divulgação do Programa Abem: Rede Solidária do Medicamento. «Fizemos o que a nossa consciência nos disse», justifica Rui Nabeiro, elogiando o projecto da Associação Dignitude.

A responsabilidade social é um assunto sério no Grupo Nabeiro. O senhor Rui Nabeiro, como insiste ser chamado, não esquece as origens e assume a missão de ajudar quem precisa. Não só em Campo Maior, como em todo o país. «O que aparece é estudado» e, se for o caso, a máquina organiza-se para ajudar. O empresário dá outro exemplo: «Ainda hoje, numa acção lá em baixo no Algarve, distribuimos frigoríficos a pessoas que foram atingidas nos incêndios do ano passado».

Rui Nabeiro tem algumas certezas. Uma delas é: «Quem lançou a semente à terra tem sempre algo para colher. A nossa empresa tem mais vida e tem mais saúde sabendo distribuir. Pensando só em nós, possivelmente não teria a saúde que tem. Isso é uma leitura que eu faço mesmo quando estou quase a dormir. Isso consigo passá-lo também a todos os meus e aos meus funcionários».



RFP: A proximidade é fundamental para si.

RN: É. Vem tudo da proximidade. Essas pessoas nunca tinham saído de casa. Tive de parar, porque hoje somos muitos. Mas nessa altura convidávamos a família: se trabalhava a mulher ia o marido, se o marido trabalhava ia a mulher. Era uma semana completa. Era dispendioso, mas chegou e sobrou. Tanto que ainda cá estamos hoje...

RFP: Quando se entra em Campo Maior o nome Nabeiro está em todo o lado: a estátua, o nome do Centro ATL. Tem orgulho nisso?

RN: Olhe, tivemos a felicidade de ter uma indústria que criou emprego. Em Campo Maior quase não há

desemprego. Toda a gente tem uma vida razoavelmente boa. É um dos concelhos do país em que se vive melhor. É um trabalho da Delta.

RFP: Já recebeu comendas, distinções, prémios, reconhecimentos. Sente vaidade?

RN: Não. A minha vaidade está aqui. A minha vaidade é a minha empresa. Não volto as costas ao reconhecimento, mas não me traz orgulho, traz-me alguma satisfação.

RFP: A que horas é que começa o seu dia?

RN: O meu dia já começou muito cedo, porque eu levantava-me às quatro da manhã, mas agora estou

a levantar-me às seis, seis e um quarto. É o mais tardar que eu me levanto hoje.

RFP: E depois dá aquelas suas voltas que disse...

RN: Dou as minhas voltinhas. Tenho lá o motorista já à minha espera quando eu chego.

RFP: E ao fim do dia... o que é o seu fim do dia agora?

RN: Agora? Não olho para o relógio, mas era só para ver... A estas horas eu estaria ainda no escritório, tinha trabalho para fazer. Ainda estaria no escritório. Depois, aí pelas seis horas venho aqui à fábrica... seis horas... de maneira que depois faço aqui o que é necessário, conviver com os sectores. Começo a caminhar para casa perto das oito horas, oito e picos. Às oito e meia estamos a jantar. Depois fazemos ali o nosso serão até perto das onze, onze e picos e vamos descansar.

RFP: Teve um percurso político na Câmara de Campo Maior. Tem amigos da política, é militante conhecido do Partido Socialista. Como vê o país?

RN: Não o vejo como gostaria de ver, com certeza. Há muita gente carente, há muitas carências e há muitos maus exemplos. Temos de pensar todos mais nele. Por mim o país seria maravilhoso, em que todos os que não têm tinham de receber, e os que têm algum dinheiro teriam de o distribuir. O doente tem de ser tratado, mas tudo com obrigações. O nosso país já foi muito ruim, é menos ruim, mas não satisfaz muita gente em condições sociais e económicas. Nós não estamos bem, porque para estarmos bem temos todos de estar melhor. Os que estão melhor podem estar satisfeitos, mas quem está pior não pode estar satisfeito, e daí vem o mal-estar.

RFP: Por isso é socialista?

RN: Sou socialista, mais que não fosse pela forma como os meus pais viveram.

RFP: Viveu o antes e o depois do 25 de Abril. Há mais oportunidades agora?

RN: Eu penso que não é terem mais ou menos oportunidades, o que é certo é que a vida, mesmo das pessoas pobres, é menos dura. Sonho com uma sociedade coesa, forte. Se eu tenho mais e não abuso do que tenho, quem tem menos, mas lhe chega para viver, é tão próspero como eu. Agora, se eu tenho e o vizinho não tem nada, disso discordo absolutamente.

«**E** M CAMPO
MAIOR
QUASE NÃO HÁ
DESEMPREGO.
É UM TRABALHO
DA DELTA. É A
MINHA VAIDADE»

Eu fui um político local e hoje faço parte aqui da concelhia [do Partido Socialista] por simpatia.

RFP: É um homem de família?

RN: Absolutamente. O meu casamento já tem muitos anos. Se somar o namoro, já são setenta e tantos.

RFP: Há muita sabedoria para gerir 70 anos...

RN: Nunca fiz nada que não estivesse relacionado com a minha mulher. E da parte dela aconteceu sempre um carinho também. Começámos na escola, na instrução primária, a olhar um para o outro. A minha sabedoria é natural, não apanhei na escola mas apanhei no convívio e o convívio na minha casa é muito a sério. Há muita sabedoria de parte a parte. Damos muitos bons exemplos, tanto um ao outro como à própria família. Foi assim que nascemos e é assim que somos.

RFP: Como é ser avô e bisavô?

RN: Por acaso não queria dizer isso, mas vou dizer... tenho pouco vagar ainda hoje para estar com os netos e os bisnetos. Ser-se bisavô é ainda mais amoroso do que ser avô. Encontro muita piada aos pequenos, temos seis bisnetos: uma de cinco anos, uma de quatro, uma de dois e outra que ainda há-de fazer dois. Está tudo ali... É uma simpatia... é uma alegria que vem sempre, um sorriso nos olhos, um sorriso na cara e em todo o lado.





RFP: Tem amigos chegados? Amigos, aqueles amigos de vida? O senhor Rui tem convívio com amigos, gosta de estar com os amigos, ou gostava, antes?

RN: Gosto muito disso que está a dizer. Mas é que preciso também de descansar um bocado, porque se não fizer por descansar... Mas, tenho. Quando vou para a praia tenho muitos convívios, mesmo de clientes. Além de uns que conheço e pessoas que me tratam muito bem, o nosso cliente absorve-nos. O nosso amigo verdadeiro, que está aqui no meio disto tudo. A vida de quem tem umas largas dezenas de milhar de clientes quando aparece um problema aqui outro acolá, é marchar atrás do cliente e ao sítio onde ele estiver para poder sanar qualquer situação de mal-estar ou mal-entendido com o vendedor.

RFP: Sempre gostou de viajar...

RN: Muito.

RFP: O que é que gostou mais?

RN: Trabalhei muito com a Alemanha e gostei muito. Todos os países da Europa, onde em qualquer lugar havia um português. Os serviços sociais ou a igreja dessas zonas convidavam-me sempre para festas. Ia com gosto porque ali ganhava sempre mais uns amigos, um cliente ou dois. A vida é vivida à procura dos clientes.

RFP: Como quer ser recordado?

RN: Explicar isso não sei. Mas vou ser recordado pelo que fiz de bem às pessoas. Chega-me. Tenho consciência de que não pensei em mim sem pensar nos outros.

RFP: É um homem feliz?

RN: Sou, sim. Não me falta nada. Tenho saúde, tivemos este azar há pouco tempo com o genro [o toureiro Joaquim Bastinhas, falecido em Dezembro de 2018] e temos azares como toda a gente. Mas tenho felicidade porque vivo e deixam-me viver. E eu ajudo a viver também.

«**S**OU FELIZ
PORQUE
VIVO E AJUDO
A VIVER TAMBÉM»



SAÚDE QUE SE VÊ



SAÚDE EM DIA

É um magazine diário, em direto, vocacionado para divulgar, elucidar e informar sobre saúde e bem-estar, com diversas intervenções de repórteres a partir dos três grandes centros urbanos (Lisboa, Porto e Coimbra).

HISTÓRIAS CLÍNICAS

Trata-se de um programa diário de uma hora, apresentado por um médico carismático e bom comunicador capaz de explicar de forma clara e objetiva as mais diversas temáticas da saúde.

O programa é gravado ao vivo e conta com a participação assídua e regular de outros clínicos e convidados.

CANAL DE TELEVISÃO TEMÁTICO

7 DIAS POR SEMANA 24 HORAS POR DIA

Saúde | Bem-Estar | Wellness | Novas Terapias
Avanços tecnológicos e científicos



Aos 35 anos, Duarte Santos descreve-se como um farmacêutico português «apaixonado pela profissão e pelo seu país»

EUROPA, QUERIDA EUROPA

Duarte Santos eleito presidente da organização europeia das farmácias.

TEXTO: CARINA MACHADO

FOTOGRAFIA: PEDRO LOUREIRO

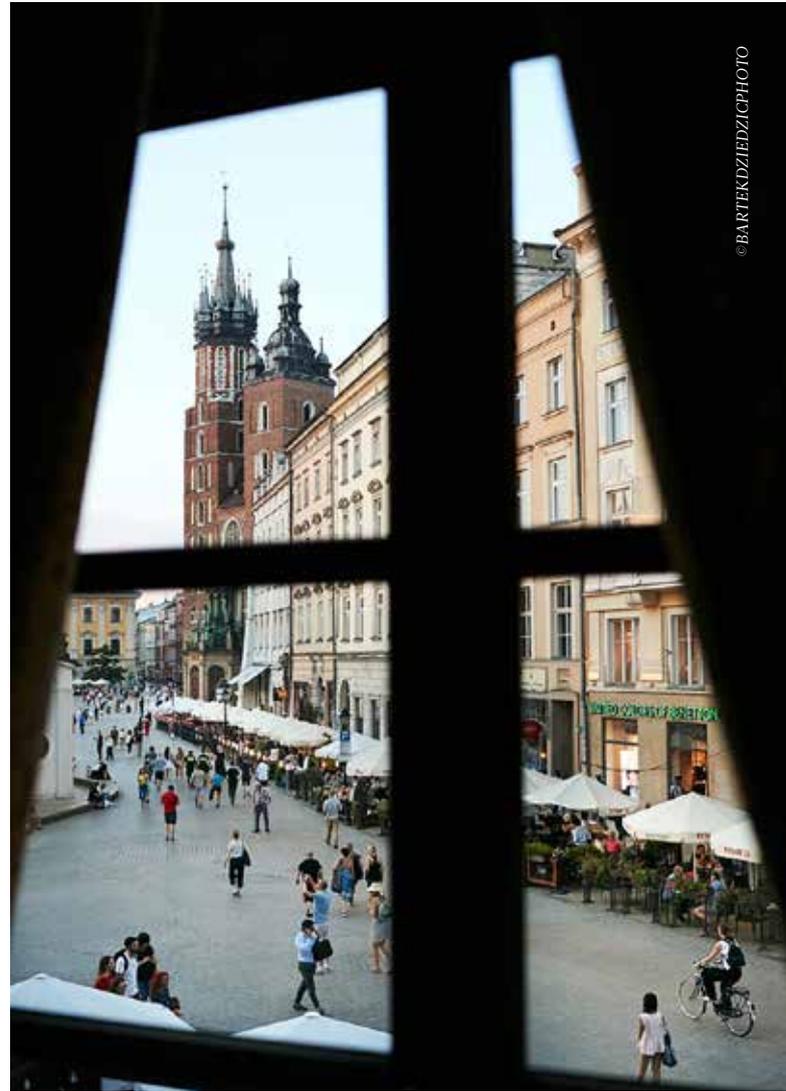
As farmácias e os farmacêuticos comunitários europeus elegeram um português para os representar em Bruxelas. Duarte Santos será em 2020 o novo líder do Grupo Farmacêutico da União Europeia – PGEU. A organização, que se assume como a voz das várias associações do sector na Europa, tem como missão dotar os decisores em Bruxelas da melhor evidência sobre o valor das farmácias e dos farmacêuticos, e de como podem contribuir para a melhoria dos sistemas de saúde. O objectivo último do PGEU – onde se incluem a Ordem dos Farmacêuticos e a Associação Nacional das Farmácias – é colaborar no desenho das políticas europeias.

Aos 35 anos, Duarte Santos descreve-se como um farmacêutico português «apaixonado pela profissão e pelo seu país». Considera-se um homem de sorte, por colocar essa paixão ao serviço dos colegas da Europa. «Esta é uma missão altruísta, em que nos colocamos ao serviço de um todo. Ora, as farmácias portuguesas são uma referência mundial. Se temos uma visão clara e uma estratégia correcta, se está bem pensada e é madura, se pode ser replicada e se adapta, ela deve ser partilhada». As farmácias de Portugal podem, sem falsos complexos, exportar boas práticas.

Na Europa, há diferentes velocidades de desenvolvimento, também no que respeita às farmácias. A capilaridade, o relacionamento próximo com as pessoas, o compromisso com a formação profissional contínua e a disponibilidade para trabalhar com outros profissionais de saúde são características transversais às diferentes redes nacionais. Duarte Santos destaca a «ambição comum de fazer mais pelo desenvolvimento dos sistemas de saúde e por uma melhor gestão dos recursos».

Os países também aproveitam de forma muito diversa os benefícios das farmácias e dos seus profissionais.

OS PAÍSES APROVEITAM DE FORMA DIVERSA OS BENEFÍCIOS DAS FARMÁCIAS PARA O SISTEMA DE SAÚDE



© BARTEKDZIEDZICPHOTO



© BARTEKDZIEDZICPHOTO



Duarte Santos afirma «a disponibilidade das farmácias para assumirem novos papéis nos sistemas de saúde»

O presidente eleito do PGEU propõe, por isso, o desenvolvimento de modelos de avaliação da intervenção das farmácias a nível europeu, úteis à sua integração nos sistemas de prestação de cuidados de saúde, públicos e privados. «Estamos a trilhar um caminho de evolução profissional e de prestação de serviços que não teme ser sujeito à determinação robusta do seu valor. Se estamos totalmente certos da mais-valia que trazemos aos sistemas e do muito que podemos ainda contribuir, não queremos desenvolver prestações que não são compreendidas ou valorizadas por quem tem de as usar ou financiar», defende Duarte Santos.

O PGEU, garante o seu próximo presidente, «não fala do farmacêutico só porque sim». Há muito que ficou para trás «o discurso puramente corporativista». O Grupo Farmacêutico da União Europeia acredita que

os profissionais de Farmácia fazem sentido numa equipa multidisciplinar. Só o trabalho conjunto e integrado com as restantes profissões da saúde pode dar garantias aos cidadãos de que eles são, de facto, o centro do sistema. «Estamos certos de que pensar e agir assim representa uma oportunidade não só para as farmácias, mas para todos os profissionais de saúde, para que possam dedicar tempo de qualidade a cuidar dos doentes, de forma estruturada», expõe Duarte Santos.

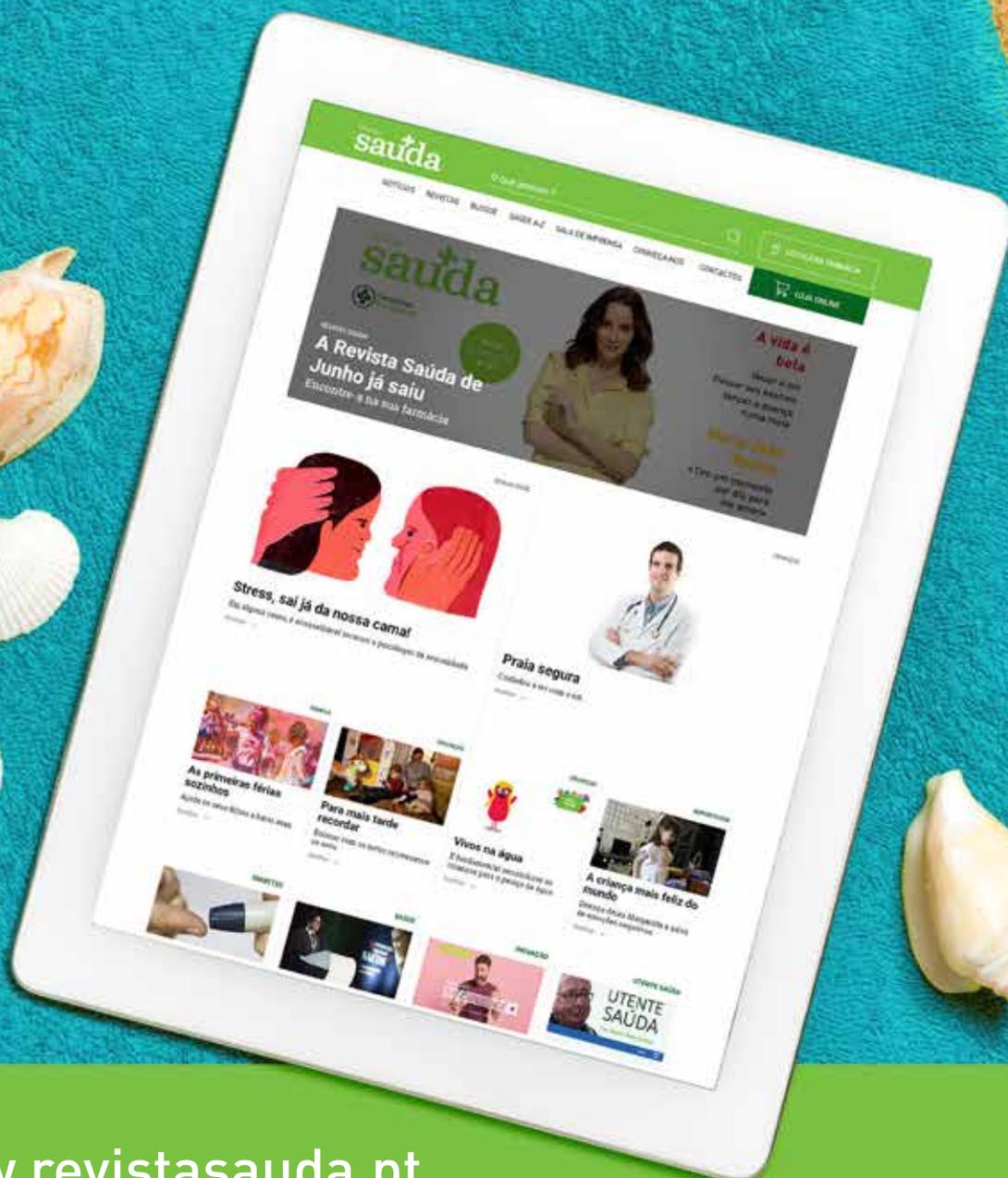
O ano 2020 encerra vários desafios. Na agenda da presidência portuguesa do PGEU estão temas como a directiva dos medicamentos falsificados, a digitalização da saúde, as faltas de medicamentos e o financiamento dos sistemas de saúde. «Para lá disto, não podemos demitir-nos de pensar o futuro. É fundamental antecipar e medir os riscos, e encontrar oportunidades, em temas como a *big data* ou a *e-health*, para capitalizar a intervenção profissional dos farmacêuticos comunitários», antecipa o presidente eleito.

Duarte Santos estabeleceu dois eixos estratégicos para o mandato. Primeiro, «materializar a disponibilidade das farmácias para assumirem novos papéis nos sistemas de saúde, contribuindo para a respectiva eficiência económica e a satisfação das reais necessidades dos cidadãos». Segundo, «contribuir para manter vivo o sonho de uma Europa unida», compromete-se o presidente eleito, que iniciará o mandato a 1 de Janeiro.

Duarte Santos é mestre em Ciências Farmacêuticas pela Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra e frequenta actualmente o Programa de MBA da AESE Business School. É farmacêutico comunitário e, desde 2008, proprietário da Farmácia Nova de Carnaxide, em Lisboa. Presidiu à Associação Portuguesa de Jovens Farmacêuticos entre 2011 e 2015. É membro da Direcção da Associação Nacional das Farmácias desde 2013 e seu delegado no PGEU e na *International Pharmaceutical Federation* (FIP). É professor convidado na Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa desde 2014. Assumiu, em 2016, a direcção da revista Farmácia Portuguesa.

FARMÁCIAS QUEREM
CONTRIBUIR
PARA O SONHO
DE UMA EUROPA UNIDA

VAMOS CONSIGO À PRAIA.





Controvérsias com Medicamentos

A Revista Portuguesa de Farmacoterapia realizou hoje a oitava edição da conferência anual *Controvérsias com Medicamentos*. A avaliação económica das tecnologias em saúde foi o grande tema em debate. António Teixeira Rodrigues, director do Centro de Estudos e Avaliação em Saúde (CEFAR), apresentou uma comunicação sobre a monitorização da inovação terapêutica.

16 DE MAIO,
OEIRAS



Museu da Farmácia reconhecido entre pares

A Associação Portuguesa de Museologia distinguiu o Museu da Farmácia com os prémios “Parceria” e “Menção Especial”. O prémio “Parceria” elegeu o projecto “Conversas sobre Sexualidade” <pela capacidade de integrar novos parceiros fora do âmbito da museologia>. O Prémio “Menção Especial” distingue o espólio relacionado com a Segunda Guerra Mundial.

24 DE MAIO,
LEIRIA



“Dê Troco a Quem Precisa” em mais de 600 farmácias

Os portugueses foram convidados a doar ao Programa Abem: Rede Solidária do Medicamento o troco das compras na farmácia, que será integralmente aplicado na aquisição de medicamentos para os beneficiários. A campanha decorreu em mais de 600 farmácias do continente e ilhas. O lançamento teve lugar na Farmácia Algarve, em Lisboa.

20 A 28 DE MAIO



Telessaúde em 87% dos hospitais

Mais de 80% dos hospitais do SNS recorrem à telessaúde, sendo o telerrastreio e a teleconsulta os mais frequentes. Apenas 47% têm projectos de inteligência artificial em implementação ou piloto, a maior parte de transcrição por voz e agendamento de actividades clínicas. Estes dados foram apresentados numa conferência da Associação Portuguesa de Administradores Hospitalares e da Glintt, empresa de tecnologia do Grupo ANF.

4 DE JUNHO,
LISBOA

Capsiados

Livro de Registos da Farmácia Portuguesa,
compilados por Nuno Esteves



Dispensa de medicamentos para VIH/sida é “Projecto do Ano”

O piloto de dispensa de terapêutica anti-retrovírica aos portadores de VIH/sida em farmácias comunitárias foi distinguido como “Projecto do Ano”, na entrega dos Prémios Almofariz. O projecto beneficia doentes do Hospital Curry Cabral que optaram por ser seguidos na sua farmácia comunitária. A Farmácia Nova, em Marco de Canavezes, recebeu o prémio “Farmácia do Ano”. Odette Ferreira foi reconhecida a título póstumo com o prémio “Especial Carreira”.

4 DE JUNHO,
ESTORIL



Autarca de Loures aplaude medicamentos em casa

Bernardino Soares considera que o serviço Medicamentos Agora em Sua Casa «corresponde às necessidades das pessoas», pelo que é «essencial» e deve ser «ampliado a todo o país». A iniciativa garante a entrega de medicamentos ao domicílio 24 horas por dia, 365 dias por ano, aos utentes dos concelhos de Loures, Odivelas e Oeiras. O presidente da Câmara visitou a Farmácia Nova de Loures, uma das 47 que prestam o serviço.

6 DE JUNHO,
LOURES



Farmacêutico distinguido

O farmacêutico Carlos Freitas recebeu o prémio “Cidade do Caniço”, atribuído pela Casa do Povo do Caniço, na Madeira. A distinção deve-se ao papel na dinamização e modernização da sua farmácia, fundada há 60 anos, que reflecte as fases de crescimento daquela freguesia. Carlos Freitas considerou o reconhecimento «um combustível emocional para continuar a inovar em prol da cidade».

9 DE JUNHO,
MADEIRA



hmR celebra 10 anos

A hmR - Health Market Research, empresa de análise de mercado e consultoria de gestão do Grupo ANF, celebrou dez anos com uma conferência no Teatro do Capitólio. O futuro dos dados em saúde e as tendências de mercado foram debatidos pelos parceiros do sector do medicamento e por peritos internacionais. A hmR está presente em Portugal, Espanha, Irlanda e Alemanha.

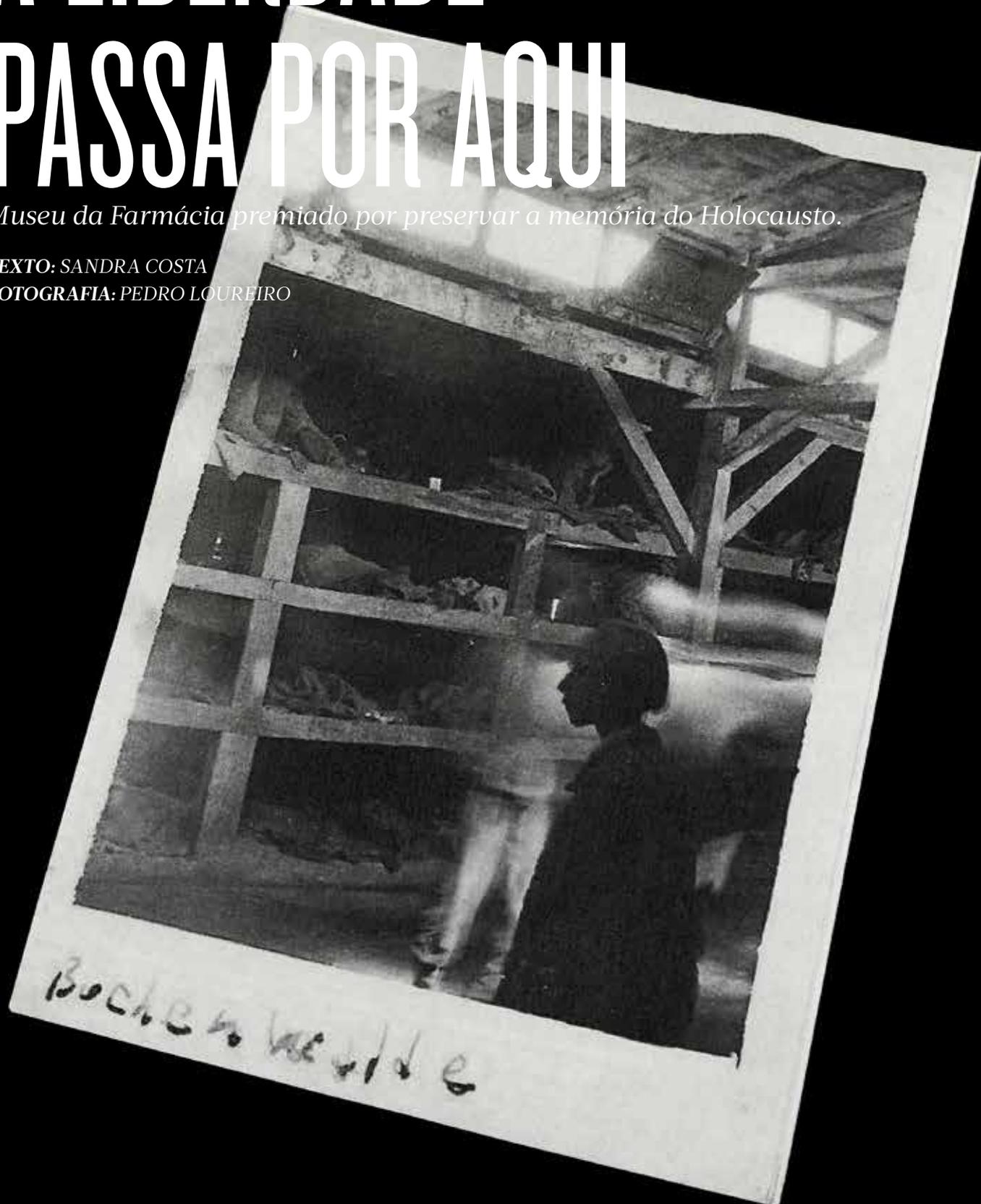
27 DE JUNHO,
LISBOA

A LIBERDADE PASSA POR AQUI

Museu da Farmácia premiado por preservar a memória do Holocausto.

TEXTO: SANDRA COSTA

FOTOGRAFIA: PEDRO LOUREIRO



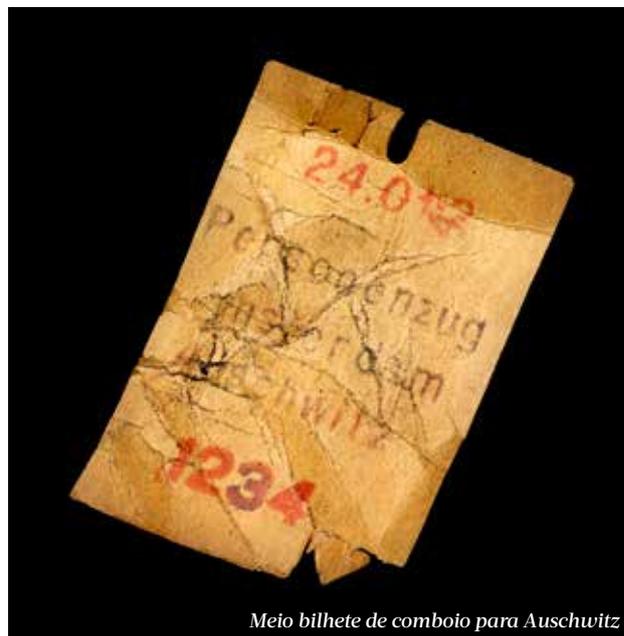
11 de Abril de 1945. Melvin Libermann foi um dos soldados da Terceira Divisão do Exército americano que ocupou o campo de concentração de Buchenwald. Eram 15h15. A hora da libertação permanece imortalizada no relógio da torre do campo que, naquele dia, ainda aprisionava 21 mil pessoas. 900 crianças. Não havia câmaras de gás no campo construído na colina de Ettersberg, a oito quilómetros da cidade de Weimar, no Leste da Alemanha. Ainda assim, calcula-se que ali tenham morrido 56 mil pessoas. Uma em cada cinco das que por lá passaram entre 1937 e 1945. Vítimas de fome, doenças, assassinato ou experiências médicas com vacinas e tratamentos contra doenças contagiosas, como o tifo, a febre tifóide, a cólera e a difteria.

Requisitado para exercer a actividade de farmacêutico, o jovem soldado não estava preparado para o que encontrou quando atravessou o portão, encimado pelo lema “Jedem das seine” (A cada um o seu). Como os restantes companheiros de armas, sabia que os judeus estavam a ser presos e recolocados, tinha ouvido falar de



Fragmento da farda de um prisioneiro de campo nazi

AS IMAGENS
CHOCANTES
GRITAM AO MUNDO:
«NUNCA MAIS!»



Meio bilhete de comboio para Auschwitz

O SOLDADO E FARMACÊUTICO MELVIN FOTOGRAFOU A LIBERTAÇÃO DO CAMPO DE BUCHENWALD

execuções. Mas era inimaginável um horror com tamanha dimensão. Melvin, também ele judeu, contou que entrar naquelas casernas cheias de seres humanos cadavéricos foi como entrar noutra mundo, um «inferno humano». O cheiro era nauseabundo.

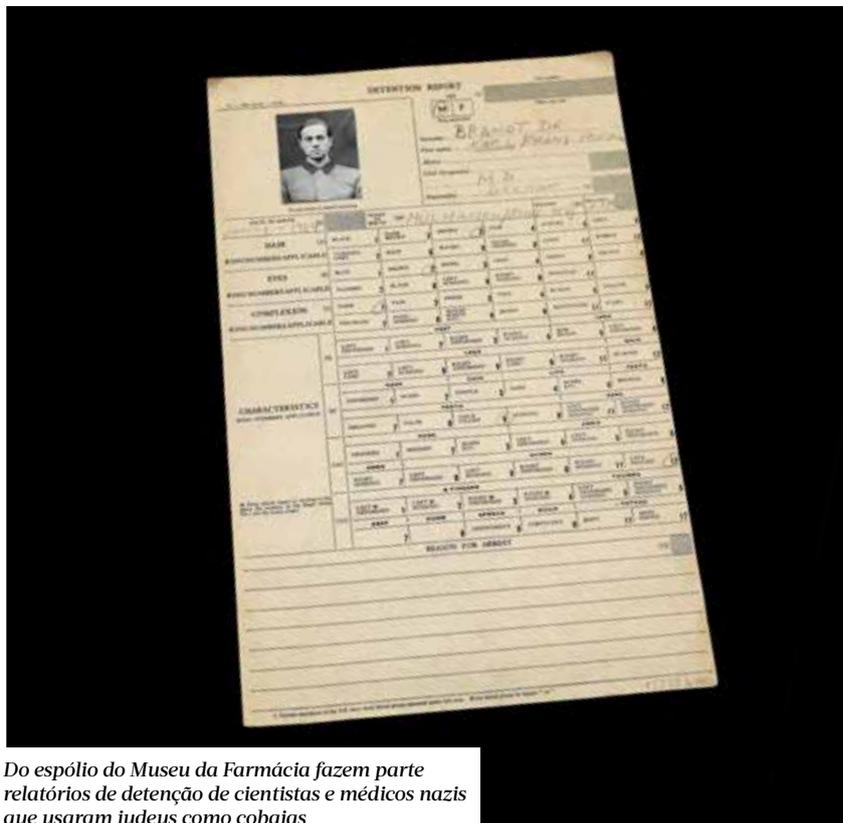
Com a sua câmara, registou para sempre uma das maiores ignomínias da História da Humanidade. Cinco dessas fotografias estão guardadas no Museu da Farmácia, em Lisboa. «Foram as primeiras peças que conseguimos. Há dez anos, o Holocausto passou a fazer parte da história do Museu da Farmácia», conta o director, João Neto.

Que um ex-soldado norte-americano, na altura com 88 anos, tenha decidido doar os seus relatos escritos e fotográficos a um museu português explica-se pela persistência de João Neto. «O facto de ele ser farmacêutico também ajudou», brinca.

Desde então, o Museu da Farmácia tem vindo a construir uma colecção de peças ligadas ao Holocausto. Dela fazem parte os relatórios de detenção de alguns nazis envolvidos em experiências médicas com seres humanos. Karl Brandt, médico de Adolf Hitler e Comissário para a Saúde e Saneamento, «autor da ideia de usar o serviço de saúde alemão para concretizar o ideal de limpeza ariana». Fritz Meer e Herman Schmitz, industriais ligados ao IG Farben, o laboratório alemão que desenvolveu a produção do gás nervoso Zyklon B, usado nos campos de concentração como arma de destruição em massa. «Estes documentos marcam a diferença entre ser e não ser democrata. Aqueles homens tiveram o direito a ser julgados em Nuremberga», explica João Neto.

Há dois anos, o Museu da Farmácia realizou uma conferência sobre o Holocausto, muito noticiada na comunicação social. Pouco depois, o director foi abordado, no supermercado perto de sua casa, por uma senhora que

SÃO CADA VEZ
MENOS OS
SOBREVIVENTES
QUE PODEM CONTAR
O HORROR
DO HOLOCAUSTO



Do espólio do Museu da Farmácia fazem parte relatórios de detenção de cientistas e médicos nazis que usaram judeus como cobaias

quis colocar no museu peças da sua família de origem judaica. Um pedaço do rótulo do químico Zyklon B, meio bilhete de comboio para Auschwitz e um fragmento de tecido da farda de um prisioneiro. Pequenos objectos guardados para provar ao mundo que o horror tinha de facto acontecido.

O museu tem à sua guarda outros objectos relacionados com a Segunda Guerra Mundial. Mochilas do desembarque na Normandia, a farmácia portátil da enfermeira de Adolf Hitler, o desenho de um soldado inglês, prisioneiro do exército japonês. «Sendo este um museu de História Universal, sobre a Farmácia e a Saúde, deve ter objectos que retratem todos os momentos importantes da História da Humanidade», justifica o director.

A colecção do Museu da Farmácia sobre o Holocausto foi reconhecida, em Maio, com o prémio “Menção Especial” da Associação Portuguesa de Museologia. O prémio distinguiu os museus não militares e outras instituições, como os arquivos, cujas colecções sobre esta época histórica garantem que «o sofrimento causado a milhões de pessoas não será esquecido».

Passam agora 80 anos do início da Segunda Guerra Mundial. Três gerações depois, os mais novos olham o que se passou como «um romance». Importa não esquecer. «A intolerância que hoje estamos a viver põe em causa a democracia e os seus valores. Aumenta o risco que

a História se repita», alerta João Neto. E exemplifica com a indiferença com que os refugiados de hoje são vistos. «Falar de 1939 é lembrar que hoje em dia existem refugiados. Os museus não podem ficar à parte deste grito pela liberdade e pela democracia».

São cada vez menos os sobreviventes do Holocausto que podem contar de viva voz aquilo por que passaram. Em breve, não restará nenhum. Para o historiador, os museus funcionam como «estafetas da História». Cada objecto de uma colecção vale, mais do que como peça de arte, como transmissor do conhecimento. São objectos vivos, originais. «Nada se compara à reacção que as pessoas têm quando vêem aqueles objectos. Quando

deixamos nas pessoas mais do que um sentimento efémero, passamos a fazer parte da sua história. É isso que queremos».

●● CABE AOS MUSEUS REVELAR ÀS NOVAS GERAÇÕES O TRÁGICO RESULTADO DO ÓDIO



«Falar de 1939 é lembrar que hoje em dia existem refugiados. Os museus não podem ficar à parte deste grito pela liberdade e pela democracia», declara o director do Museu da Farmácia



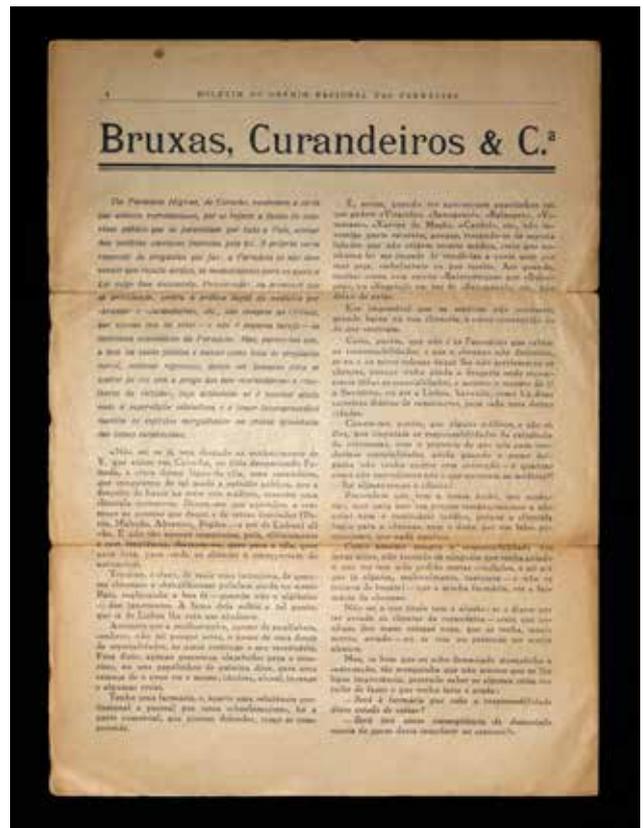
ABRAÇA A DABRA

Histórias incríveis de bruxas, droguistas & curandeiros.

TEXTO: PAULO MARTINS E MARTA SILVA

Por três alqueires de *santeio*, se de boa qualidade, oferecia serviço (quase) completo: barba, corte de cabelo e arranque de dentes na loja; curativos em casa. Desinfectantes e medicamentos também se arranjavam, mas eram pagos em dinheiro, não em cereais. Algures na Beira Baixa, um barbeiro, travestido de dentista-médico-farmacêutico satisfazia boa parte das necessidades comunitárias, a avaliar pelo *editale* (ler nestas páginas) reproduzido na edição do Boletim do Grémio Nacional das Farmácias de Agosto-Setembro de 1942.

O EXERCÍCIO ILEGAL DE MEDICINA OU FARMÁCIA LEVOU MUITO TEMPO A EXTIRPAR



O exercício ilegal de Medicina ou Farmácia levou anos a extirpar, para desespero das entidades incumbidas de o combater. Um artigo publicado por um farmacêutico no órgão oficial do Grémio, em Fevereiro de 1960, incluía entre os «nossos inimigos e causadores da nossa ruína» drogeries, mercearias onde se encontrava linhaça, mostarda ou álcool puro, e, até, lojas de materiais de construção, que vendiam soluto de mercurocromo, tintura de iodo, comprimidos de cibazol ou borato de sódio. Muitos produtos farmacêuticos passavam por outros circuitos,

O BARBEIRO QUE FAZIA CURATIVOS

Enviado por um farmacêutico de Braga, o editale do barbeiro de «certa aldeia da Beira Baixa», publicado no n.º 21-22, de Agosto/Setembro de 1942 do Boletim do Grémio Nacional das Farmácias, é uma delícia. Pelas práticas que revela e pelos tratos de polé a que submete a língua portuguesa. Ora leia estes extractos.

EDITALE

Novo rigolamento nos Fregueses justos ó não afraguezados na fraguesia do Barbeiro infra abaixo açinado:

Art. 1º - Este Rigolamento é para invogorar dentro de um ano cujo ele é a começar de hoje indiante podendo conseguir mais tempo se não for arrevogado por outro de terminar por fim o praso.

Art. 2º - Todos os fragueses para barba, cortes de cabelo e dentes na loja e curativos em minha casa três alqueires de santeio que seja bom.

Art. 3º - Querendo só para barbas e cortes de cabelo, um alqueire de santeio que seja bom.

Art. 4º - Todos os fraguezes particulares de barba feita uma vez na semana e curativos e cortes de cabelo quatro alqueires de santeio que seja bom.

Art. 5º - Todos os fraguezes que não estiverem ou não estejam justes tiragem de Dentes cada um 2.500 reis, em minha casa 5.000.

Art. 6º - Todos os fraguezes que estiverem ou não estejam juste de cada Visita em minha casa 2.500 rs. e fora de minha casa da mesma dita fraguesia 5.000 rs., isto é são visitas de dia e visita de noite são a dobrar.

Art. 7º - Todos os fraguezes mesmo que estejam justes, todos os curativos serão pagos isto é pagarão mais o excesso dos Dezinfectantes e de todos os mais pertencentes ao curativo que são os medicamentos.

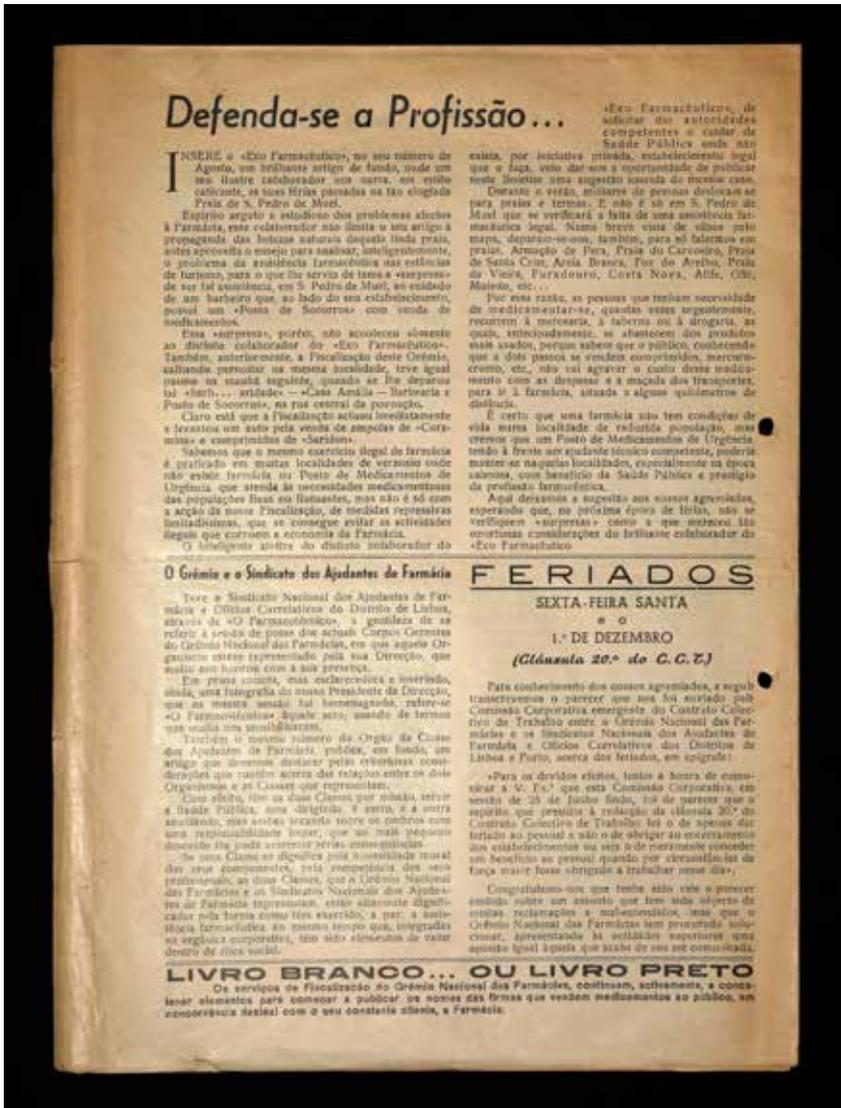
Art. 8º - Todos os fraguezes que não estejam justes corte de cabelo e barba 1.000 rs. e corte de cabelo ós a tesoura 75º.

Art. 9º - Barba dos defuntos falecidos 1.000 rs. dia e de noite 1.500 reis.

Art. 10º - Corte de cabelo nos filhos serão pagos fora do contrato.

Art. 11º - Este contrato só terminado o seu ano e ó depois serve ao Fraguez conforme vai e para quem quiser e quem precisar dos meus serviços eu não obrigo Ninguém á força, agora peço a todos os Fraguezes que não queiram ou não possam seguir de me dizerem, para ser abatidos na Relação antiga para não os paçar pra Relação nova termino fim. D.A.M.





a aplicação de multas, o meio ao alcance da entidade, se revelava dissuasora. Entre tantos outros, remeteu para tribunal, em 1941, o caso da venda de uma pomada e de 30 gramas de sulfato de sódio numa droguaria de Lisboa, cujo dono pagou 476\$05 para escapar ao julgamento. Um comerciante de Coimbra assumiu preto no branco, em 1969, ter aviado dois comprimidos de salicycaféina, ainda por cima a um menor.

Os fiscais chegavam a arriscar o pêlo. Ilídio Coelho, funcionário do Grémio durante quase 23 anos, contou no Boletim a sua aventura alentejana, quando em 1953 acompanhou dois deles, para servir de testemunha. Perto da Vidigueira, teve de enfrentar um sujeito de navalha em punho, próximo de uma taberna suspeita de vender «manipulações farmacêuticas». Numa droguaria de Alter do Chão, só a GNR calou os apupos do povo, dirigidos à equipa. «Não se concluiu a diligência, porquanto ao se ter apercebido do objectivo da fiscalização o seu proprietário teve uma crise cardíaca, com necessidade de intervenção médica».

mas os profissionais do sector, sublinhava o sócio n.º 477, não podiam vender «cal ou cimento, pregos ou parafusos, sacholas ou serrotes, martelos ou formões, batatas ou bacalhau, arroz ou açúcar».

Também no Boletim, um misterioso “Z” queixava-se, em finais de 1949, das empresas «que exercem, por atacado, todas as actividades ligadas ao comércio de medicamentos». A certos comerciantes, escrevia, só interessava a «ganhança», sem olharem a meios. «Açambarcadores Topa-a-tudo [sic], protegidos pela “doce brandura dos nossos costumes”».

A venda de especialidades farmacêuticas em droguarias era uma prática generalizada. Num ofício enviado em Outubro de 1941 ao Sindicato Nacional dos Caixeiros de Lisboa, disponível no arquivo da ANF, a Direcção, admitia que o Grémio fora criado, no ano anterior, para travar o «caminho de ilegalidade ocupado pelos droguistas» e «restituir à Farmácia o que a ela pertence». Nem sempre

**UM FUNCIONÁRIO
DO GRÉMIO
TEVE DE ENFRENTAR
UM SUJEITO DE NAVALHA
EM PUNHO**

BARBEIROS, CURANDEIROS, BRUXOS, «BENZILHONAS» E «MULHERES DE VIRTUDE» PRESCREVIAM MEDICAMENTOS

Por mais activa que fosse, a acção do organismo corporativo não aplacava a fúria dos sócios. «Pode o Grémio actuar eficazmente?», questionava um artigo publicado em 1950 no Boletim, dando de imediato a resposta: «Não pode! São insuficientes os seus recursos financeiros para acarretar com todas as despesas de manter em constante vigilância». Alternativa? A denúncia: «Convém que todos os agremiados que possam indicar os “vendilhões amadores” o façam».

Na fileira dos ditos vendilhões, como já vimos, alinhavam barbeiros – em 1956, foi descoberto outro, autuado pela venda de ampolas Coramina e comprimidos Saridon num “Posto de Socorros” montado em Pedro de Moel – mas também curandeiros, bruxos, «benzilhonas» e «mulheres de virtude», que praticavam supostos actos médicos e prescreviam medicamentos, explorando «a superstição calamitosa e o temor incompreensível [que] mantêm os espíritos

mergulhados na crassa ignorância das coisas esclarecidas».

Esta descrição poderia muito bem ter sido feita pela farmacêutica de Coruche que, em carta divulgada em Setembro de 1944, denunciava uma curandeira com vasta carteira de clientes, embora a localidade onde vivia dispusesse de seis médicos. Tão famosa se tornou que já tinha um ajudante. «Apesar de analfabeta, conhece, não sei por que artes, o nome de uma dúzia de especialidades, às quais restringe o seu receituário. Fora disto, apenas preconiza “lambedor para a enterite”, ou uns papelinhos de quinina doce, para uma criança de x anos ou x meses; cânfora, álcool, incenso e algumas ervas».

Por vender sem receita médica medicamentos que ela aconselhava, como xarope de maçã, o farmacêutico coruchense era acusado de alimentar o negócio da charlatã. «Sei até que já alguém, malevolamente, insinuou — e não se tratava de boçais! — que a minha farmácia, era a farmácia da “bruxa». Insinuação «mesquinha», essa. Mas lá que o irritava...



DÊ

LUZ

AO



ELEPHANTE

ARQUIVO HISTÓRICO DAS FARMÁCIAS

*Tem documentos, fotografias ou outros materiais
com valor histórico?*

Tem estórias para nos contar?

Junte o seu papel à nossa História

SANTA MARIA DA FEIRA





O ÚLTIMO CASTELO VIVO

REPORTAGEM: VERA PIMENTA

FOTOGRAFIA: JOSÉ PEDRO TOMAZ
E ANABELA TRINDADE



A Viagem Medieval recria todos os anos um rei diferente. Em 2019, vai ser D. Fernando I

Centro histórico de Santa Maria da Feira, 8h da manhã. Alguns feirenses de passo apressado aconchegam-se nos seus casacos. A brisa do Norte é implacável, mesmo nos meses mais quentes.

No Largo Camões, a Igreja Matriz ergue-se imponente no seu estilo maneirista. A seu lado, desenha-se o Convento dos Lóios, guardião de uma parte considerável da memória histórica e cultural da região. Rodeiam-no jardins até perder de vista, pintados pelas árvores que serpenteiam o caminho até ao ponto mais alto da cidade. Lá no cimo, o castelo continua a vigiar a terra, qual soldado que não abandona a frente de batalha.

Nos primeiros dias de Agosto, a praça central ilumina-se. Tabernas de aspecto medieval enchem o espaço,

E M AGOSTO, A CIDADE REGRESSA À IDADE MÉDIA, COM FESTA DE ARROMBA

*«O nosso castelo é o mais bonito do país»,
afirma o farmacêutico Nuno Lima,
que nunca perde uma festa medieval*



prometendo iguarias típicas para todos os gostos. As ruas, enfeitadas de bandeirolas de mil cores, são palco para a mostra e venda de produtos de inspiração medieval. Miúdos e graúdos envergam vestes de antigamente, adornadas com espadas e coroas.

«Na Viagem Medieval vão deparar-se com o inédito» – avisa o director-geral do evento, Paulo Sérgio Pais – «é uma experiência em todos os sentidos: nos cheiros, nos sabores e nos conteúdos dos espectáculos». O ambiente convida a entrar nesta máquina do tempo, que em 2019 regressa ao século XIV, para viver a época do “Belo” e “Inconstante” D. Fernando I.

A cada edição, o festim recria um reinado diferente, numa odisséia histórica vivida na primeira pessoa. «Há uns anos decidimos fazer um *reset* no tempo e voltar à fundação da nacionalidade. Começámos com D. Afonso Henriques e, a partir daí, a cada ano evoluímos no reinado», explica Paulo Pais.

Os visitantes chegam de Norte a Sul, para explorar as zonas de recriação medieval, ver os espectáculos de rua e participar nas actividades lúdicas, como o tiro ao arco, que durante duas semanas transportam a cidade para a Idade Média. A viagem culmina com o cortejo real em direcção ao castelo.

O farmacêutico Nuno Lima, natural da freguesia feirense de Fiães, é visitante assíduo desta viagem histórica. A cada ano, junta família e amigos numa experiência sempre diferente. Mas garante a terra que o viu crescer tem muito mais para oferecer.

«Sempre estive bastante ligado à Feira», recorda. A farmácia, como a cidade, está-lhe no sangue. «Desde miúdo que passava o dia entre os medicamentos e essa paixão ficou gravada». Foi por isso que, há 23 anos, abraçou o projecto de família e começou a trabalhar na Farmácia Central de Fiães.

Lá no cimo, o castelo continua a vigiar a terra, qual soldado que não abandona a frente de batalha



As ruas, enfeitadas de bandeirolas de mil cores, são palco permanente de espectáculos



Aos 47 anos, recorda com carinho a infância que passou em Santa Maria da Feira. E aconselha a visita, com paragem obrigatória no seu lugar predilecto da cidade: «O nosso castelo é o mais bonito do país».

Com uma arquitectura militar distinta, o monumento mais emblemático da região já conheceu todo o tipo de propósitos. Ao longo do tempo, foi castro de ocupação romana, palco de estratégias de luta pela independência, fortaleza contra invasores e residência senhorial.

O AROMA A LIMÃO E A CANELA PERFUMA A SALA

Hoje é procurado pelo seu interesse histórico e actividades educativas levadas a cabo pela Comissão de Vigilância, responsável pela gestão há 110 anos. Com o desenvolvimento turístico do Porto, o Castelo de Santa Maria da Feira tem vindo a estar no radar de curiosos de todo o país e até de Espanha.

À entrada, um pequeno filme faz a apresentação do local, preparando o visitante para a vasta lição de História que o espera no místico caminho de torres, salas e corredores medievais.

«As pessoas gostam muito de visitar o castelo» – conta Joana Lopes, assessora da Comissão – «como não temos guia, estão mais à vontade para explorar o espaço durante o tempo que quiserem e até brincar com as crianças na Praça de Armas». Como bónus, podem regalar-se com uma vista panorâmica de cortar a respiração.

Em qualquer esquina do centro histórico há vislumbres do castelo – até nas montras das pastelarias, onde se erguem notáveis pães doces de quatro torres, que não se encontram em nenhuma outra parte do país.

Nuno Lima conta que a fogaça surgiu em 1505



Nuno Lima conta que a fogaça surgiu em 1505 como pedido a S. Sebastião, para proteger o povo da peste

como pedido a S. Sebastião, padroeiro de Santa Maria da Feira, para proteger o povo da peste que atingiu a região. «É por isso que a 20 de Janeiro temos a Festa das Fogaceiras», explica o farmacêutico, acrescentando que este feriado municipal é uma das tradições mais antigas de Portugal.

No Museu Vivo da Fogaça, o aroma a limão e canela perfuma a sala, denunciando uma fornada de fogaças acabada de sair do forno. Os olhos deambulam pelas decorações que adornam as paredes e perdem-se nas vidraças carregadas de doçarias capazes de encantar até os mais cépticos.

Os balcões exibem frascos de bolachas caseiras e garrafas de licor de Chamôa. O proprietário, Carlos Moreira, conhece bem a história do licor da região, invenção de um amigo seu. «Diz-se que é inspirado na história da paixão proibida de D. Afonso Henriques pela galega D. Chamôa Gomes».

As paredes ao fundo da sala compõem uma galeria com quadros de artistas da terra. Do outro lado, um pequeno palco apetrechado de instrumentos musicais é um convite aos audazes que a ele queiram subir. Os clientes estão habituados a ser surpreendidos nesta fogaçaria que, algumas noites por semana, dá as boas-vindas a profissionais

Fermento, farinha, água, açúcar, ovos, canela, sal, limão e manteiga: os bastidores da Fogaça



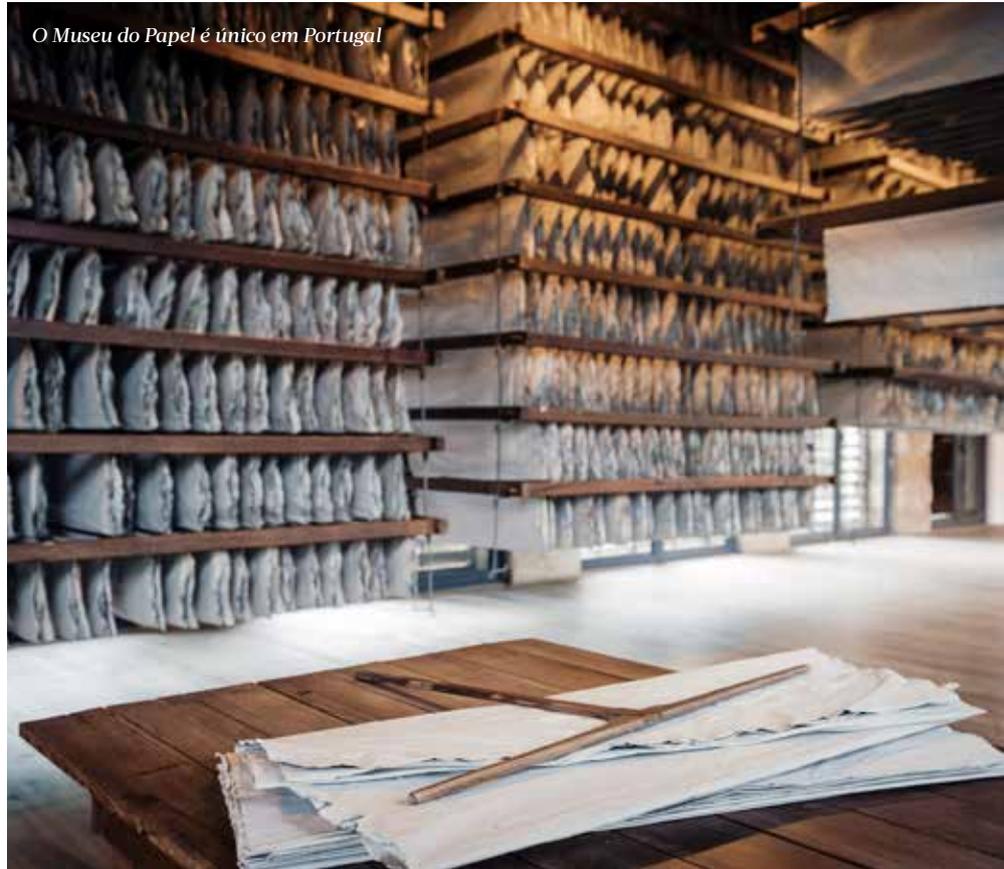
e amadores de música e de poesia.

A cara por trás do projecto é um feirense de 48 anos, que um dia acordou e decidiu aprender a fazer fogaças, por respeito à tradição. A arte aprendeu-a aqui e ali, com os padeiros mais experientes da terra. «A fogaça é a identidade gastronómica da Feira» –sublinha Carlos Moreira – «por isso somos fundamentalistas da receita original, mas gostamos de fazer as nossas brincadeiras».

Nas diferentes variações, a fogaça pode ser rainha, princesa, cortesã ou imperatriz. Com um membro de cada sabor, está formada a corte das fogaças. Na hora de escolher, cada feirense tem a sua preferência. Adepto da versão original, o farmacêutico Nuno Lima aconselha-a torrada com manteiga, a acompanhar uma bebida quente. «É boa o ano inteiro, mas no Inverno parece que sabe ainda melhor», brinca.

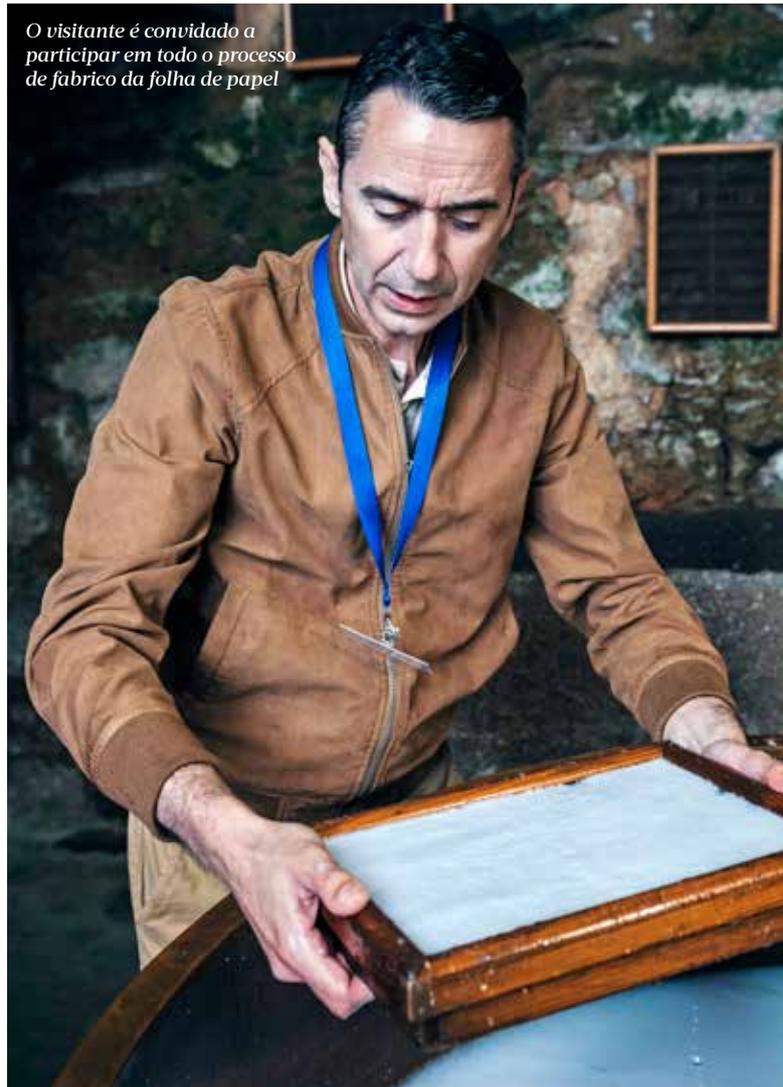
Apaixonado pela Feira, Carlos Moreira explica que preservar a História é também reinventá-la. E remata: «A fogaça tem de estar viva nas pessoas».

Nem só de pão vive a história da indústria da região. No Museu do Papel, instalado numa antiga fábrica da indústria papelreira, o visitante é convidado a “pôr as mãos na massa” e a participar em todo o processo de



O Museu do Papel é único em Portugal

O visitante é convidado a participar em todo o processo de fabrico da folha de papel



A FOGAÇA PODE
SER RAINHA,
PRINCESA, CORTESÃ
OU IMPERATRIZ.
É PÃO E ESPECTÁCULO



No restaurante Tasqueiros Sem Lei, os amigos partilham os pratos. Não se liga a televisão

OSINO DA MATRIZ TOCA OITO BADALADAS. O SOL JÁ SE PÕE. AS CANTADEIRAS D'ANTANHO ERGUEM VOZ E ALMA AOS CÉUS

fabrico de uma folha de papel. «É uma experiência muito interessante», afirma Nuno Lima.

Dividida entre a fase de produção manual e a industrial, a visita é um passeio a começar em 1822 e a terminar em 1989. Pelo caminho, podem esperar-se peripécias e curiosidades da época. É o caso dos inúmeros instrumentos adaptados de outros propósitos para a produção de papel – prova de que o bom português é mestre na arte do improviso.

Inaugurado em 2001, na localidade de Paços de Brandão, concelho de Santa Maria da Feira, o primeiro museu do país dedicado à história do papel desafia os visitantes a sair da sua zona de conforto e passar um dia diferente. O lema é preservar as memórias, criando novas.

Em Terra de Santa Maria, à hora de almoço, em cada canto pode encontrar-se um belo prato português. Como a francesinha de influência portuense, de fama intocável na região. Mas, para os bons apreciadores de uma experiência imersiva na gastronomia tradicional, a porta do Tasqueiros Sem Lei está sempre aberta.

Na ardósia, as sugestões do dia: Caldo verde, bochechas de porco, alheira à brás e filetes de polvo panado. Para completar, um extenso menu de iguarias à portuguesa, como a clássica tábua de queijos e enchidos ou o bacalhau.

A acompanhar fica a garantia de um bom vinho português, numa carta que reúne garrafas escolhidas a dedo nas adegas dos pequenos produtores do país. Para os mais gulosos, há uma placa onde podem consultar as “lambarices” do dia. Entre o leite-creme, o bolo de noz e o pudim de fogaça, o mais difícil é escolher.

Quando conceberam o espaço, Alexandre Mota e Catarina Oliveira quiseram que as pessoas sentissem que estão a comer em casa dos avós. Conseguiram-no com o ambiente tranquilo a meia-luz, com fado de fundo, as travessas em barro e, claro, a comida que aquece o coração.

Nesta tasca não se liga a televisão, mas há noites em que os clientes podem ter a sorte de degustar o jantar ao som de música ao vivo. A rústica decoração da sala

é, como a comida, uma ode aos sentidos. Num espaço em que os pratos sabem melhor partilhados, no embalo de uma conversa entre amigos.

Nos claustros do intemporal Convento dos Lóios, o Grupo de Danças e Cantares Regionais do Orfeão da Feira está em ensaios. Homens, mulheres e crianças de todas as idades vestem trajes cosidos à mão, inspirados nas vestimentas do início do século XX.

«Um dia destes, a curto prazo, teremos os membros do grupo trajados como se fossem réplicas exactas desse período», revela o director, Fábio Pinto. Fundando em 1975, o grupo é orgulhosamente filiado da Federação de Folclore Português há treze anos.

Desde então, «as cantigas e os trajes são cons-

*AÍ VEM O LUAR
POR TRÁS DOS PINHAIS
ADEUS MEU AMOR
PARA NUNCA MAIS*

tantemente repensados, de modo a aproximar-se ao máximo daquela que era a essência dos serões e espedaladas do linho na nossa região». O grupo garante, assim, a preservação dos usos e costumes de Santa Maria



Nos claustros do Convento dos Lóios, o Grupo de Danças e Cantares Regionais do Orfeão da Feira está em ensaios



No centro histórico, em cada esquina há vislumbres do castelo

da Feira, deixando uma boa dose de alegria nos lugares por onde passam.

Ao som de cantigas de outra época, evocam-se memórias da terra. E nas paredes do monumento ecoam décadas de história. O sino da Igreja Matriz toca as oito badaladas. O sol já se põe. Em tom de despedida, as Cantadeiras d'Antanho erguem voz e alma aos céus:

*Aí vem o luar
Por trás dos pinhais
Adeus meu amor
Para nunca mais*

saúda
CONTINUE A LER EM

www.revistasauda.pt

- > Tradição com aroma a canela e limão
- > Viagem à História
- > Cantar e dançar a memória

VEJA TAMBÉM OS VÍDEOS



: BULA

:1 CASTELO DE SANTA MARIA DA FEIRA

Alameda Doutor Roberto Vaz
Oliveira
Santa Maria da Feira

:2 MUSEU VIVO DA FOGAÇA

Rua Dr. Vitorino de Sá, 42
Santa Maria da Feira

:3 MUSEU DO PAPEL

Rua Rio Maior, 338
Paços de Brandão

:4 MUSEU CONVENTO DOS LÓIOS

Praça Dr. Guilherme Alves Moreira
Santa Maria da Feira

:5 CENTRO DE CULTURA E RECREIO DO ORFEÃO DA FEIRA

Rua António de Castro Corte Real, 74
Santa Maria da Feira

:6 RESTAURANTE TASQUEIROS SEM LEI

Rua Dr. Roberto Alves, 33
Santa Maria da Feira

:7 VIAGEM MEDIEVAL EM TERRA DE SANTA MARIA

Rua António de Castro Corte Real
Santa Maria da Feira



MARCELO OU AL-SAHHAF

PAULO
CLETO
DUARTE

©PEDRO LOUREIRO



Devíamos ouvir mais o Presidente da República. Na inauguração das novas instalações da Farmácia da Lajeosa, o chefe de Estado fez uma proclamação política crucial sobre o sistema de saúde, que infelizmente não passou nas notícias.

Marcelo Rebelo de Sousa disse algumas verdades duras como pedras.

Lembrou que somos um país cada vez mais desequilibrado e envelhecido.

Lamentou a existência de vários «portugais esquecidos» e de «cidadãos de segunda, terceira e quarta» categorias.

Gritou “basta” ao encerramento de serviços de saúde de proximidade.

E proclamou o direito das crianças que nascem no Interior a crescerem, terem emprego e serem felizes nas suas terras.

Eu, que nasci na aldeia de Leomil, Moimenta da Beira, sinto-me reconhecido. Como cidadão e farmacêutico, não posso aceitar que o local de nascimento se tenha juntado à condição económica como factor de desigualdade no acesso à Saúde.

Na Saúde, está a faltar-nos tudo.

Faltam profissionais. É evidente que não foram contratados em ordem a evitar o colapso operacional dos hospitais depois da redução do horário de trabalho para 35 horas.

Falta financiamento. A despesa pública *per capita* com a saúde em Portugal é menos de metade da média da União Europeia, o que é insustentável e escandaloso.

Falta ambição. O Ministério da Saúde comunicou à revista *Visão*, de 4 de Julho, ter «desenvolvido um pla-

no de acção para melhorar o acesso ao SNS, que tem como objectivo que, no final de 2019, nenhum utente esteja à espera há mais de um ano [sic] por uma primeira consulta hospitalar».

Falta *accountability*. O Programa do Governo previa o direito dos doentes com VIH-sida e doenças oncológicas a poderem optar por ser seguidos nas suas farmácias comunitárias. Na realidade, continuam a ser forçados a perder dias inteiros, em viagens pelo país, para irem levantar esses medicamentos aos hospitais.

Falta planificação. Uma auditoria do Tribunal de Contas denuncia “*marcadas assimetrias regionais no acesso a consultas hospitalares e cirurgias, e nos tempos de espera associados, que traduzem desigualdades no acesso a cuidados no SNS*”.

Faltam equipamentos, faltam obras de manutenção, faltam meios de diagnóstico, faltam medicamentos. «O SNS está ligado ao ventilador», como diagnosticou o bastonário da Ordem dos Médicos.

O Presidente da República alerta, os profissionais denunciam, os doentes sofrem na pele a dura realidade.

No discurso oficial parece que nada disto está a acontecer, ou tem grande importância. Mohammed al-Sahhaf, o célebre ministro da propaganda do Iraque, ainda tem fiéis em Portugal.

O problema é que o tempo arrasa a propaganda e as suas estátuas.

Quando a realidade desabar sobre a política, poderá ser tarde demais para salvar o que resta de um país equilibrado, com a sua rede de centros de saúde, consultórios e farmácias de proximidade, a servir de forma articulada cidadãos de primeira categoria.

AZEVEDOS Genéricos



Há mais de dois séculos, o seu parceiro na vida.

Cada vez mais doentes e Profissionais de Saúde confiam nos Genéricos Azevedos

OBRIGADO!
POR CONFIAR NA NOSSA EXPERIÊNCIA

YourGoodSkin™
em equilíbrio consigo

“A minha pele
respira equilíbrio.”

A INOVAÇÃO EM DERMOCOSMÉTICA CHEGOU ÀS FARMÁCIAS PORTUGUESAS

Uma gama completa, clinicamente comprovada,
que melhora as **5 principais características**
de uma pele saudável.

- ✧ Pele visivelmente mais saudável em 28 dias
- ✧ Dermatologicamente testada
- ✧ Para todos os tipos de pele,
mesmo as mais sensíveis



Luminosidade ✧ Oleosidade ✧ Hidratação ✧ Textura ✧ Tonalidade

Para informações sobre a marca e respetivas condições comerciais, contacte o seu Gestor de Conta da Alliance Healthcare | VENDA EXCLUSIVA EM FARMÁCIAS